

AUTORES & LIVROS

11/6/1942
ANO II

SUPLEMENTO LITERÁRIO DE "A MANHÃ"
publicado semanalmente, sob a direção de Mucio
Leão (Da Academia Brasileira de Letras)

Vol. 11
Núm. 19

NOTÍCIA SOBRE AFONSO ARINOS

Bibliografia de Afonso Arinos

É a seguinte a bibliografia de Afonso Arinos:

"A Estrela", conto publicado na "Gazeta de Notícias", quando o autor era ainda estudante. Obteve um prêmio em concurso instituído por aquele jornal.

"Pelo Sertão", histórias e contos. Rio — Laemmert e Cia. 1898. 206 páginas. 2ª edição, 1917. Nova edição da Livraria Garnier, s. l.

"Notas do dia Comemorando", — 388 páginas. Série de artigos do "Comércio de S. Paulo". Tip. Andrade Melo, S. Paulo, 1900.

"Os Jagunços", novela sertaneja. Arinos escreveu-a com o pseudônimo de Olívio de Barros. "Comércio de S. Paulo", 1893. 2 volumes.

"Publicações póstumas". — "O contrabandista de diamantes", drama histórico em três atos e um quadro, época 1751-1753. 120 páginas e um retrato do autor. Livraria Francisco Alves, Rio, 1917.

"A unidade da Pátria", Conferência feita em S. Paulo, em 1917. Livraria F. Alves, Rio, 1917.

"Lendas e tradições brasileiras", Conferência feita na Sociedade de Cultura Artística, S. Paulo, 1917.

"Lendas e tradições brasileiras", 174 páginas. Série de conferências. Com prefácio de O. Bilac. Tip. Levi, S. Paulo, 1918.

"Histórias e paisagens", 241 páginas. Livraria Francisco Alves, Rio, 1921.

Explicação do Suplemento

Com o número que hoje é publicado, encerra "Autores e Livros" o seu segundo volume. No próximo domingo, 21, aparecerá — como sempre acontece nos penúltimos domingos de cada mês, — o "Pensamento da América", o suplemento pan-americano de A MANHÃ, tão superiormente dirigido pelo ilustre acadêmico Ribeiro Couto. No domingo seguinte, 28, aparecerá o índice geral do 2º volume de "Autores e Livros", formando por si só um suplemento de 16 páginas.

Os escritores que abrangem o segundo volume de "Autores e Livros" são os seguintes: José de Alencar, Mário de Alencar, Franklin Távora, Joaquim Nabuco, Alberto de Oliveira, Stefan Zweig, Castro Menezes, Aloisio Azevedo, Graça Aranha, Joaquim Manuel de Macedo, Visconde de Taunay, Luiz Delfino, Antero de Quental, José Veríssimo, Ronald de Carvalho e Afonso Arinos.



PACHÊCO

AFONSO ARINOS

SUMÁRIO

PÁGINA 295:

- Notícia sobre Afonso Arinos.
- Bibliografia de Afonso Arinos.
- Explicação do Suplemento.
- Sumário.

PÁGINA 296:

- O Mar, de Afonso Arinos.
- Afonso Arinos e Eduardo Prado, de Tristão de Alencar (da Academia Brasileira).

PÁGINA 297:

- A Iara, de Afonso Arinos.
- O melhor companheiro, de Afonso Arinos.
- Correspondência de escritores. Carta de Afonso Arinos a sua filha Carmem.

PÁGINA 298:

- Pedro Barqueiro, conto de Afonso Arinos.

PÁGINA 299:

- Correspondência de escritores. Três cartas de Afonso Arinos a Graça Aranha.
- Sortimento brasileiro de Afonso Arinos, de Mário de Alencar.

PÁGINA 300:

- Desamparados, conto de Afonso Arinos.
- Correspondência de escritores. Carta de Afonso Arinos às suas filhas.

PÁGINA 301:

- Duas cartas de Afonso Arinos, de Martin Francisco.
- Antes da festa do amor, de Afonso Arinos.

PÁGINA 302:

- Saudação a Afonso Arinos na Academia Brasileira.
- Amor ao passado — Sobre a obra de Afonso Arinos de Olívio Bilac.

PÁGINA 303:

- O Visconde do Rio Branco e Eduardo Prado, (Trecho do discurso de posse na Academia Brasileira de Letras), de Afonso Arinos.
- A Pátria, de Afonso Arinos.

PÁGINAS 304 305, 306:

- "Esta coisa estranha, que é uma sociedade" (Réplica ao escritor português José Osório de Oliveira), de Cassiano Ricardo.
- Procura da amada perdida, de Mucio Leão.

PÁGINA 307:

- A Vida, o Amor e a Morte. (A primeira "Elegia de Dni-no", de Rainer Maria Rilke). Artigo e tradução de Vinícius de Moraes.

PÁGINAS 308 e 309:

- O espírito de Carlos de Lenc, de Joaquim Ribeiro.
- Efemérides da Academia.

- O Intermédio, de Heine. Do número 58 ao número 70. Traduções de Artur Azevedo, Gonçalves Crespo, Francisca Julia, Xavier da Silveira, Rodrigo Otávio, Alcides Flavio, Pedro Rabêlo, Fagundes Varela, Magalhães de Azevedo, Luciano Filho e Fontoura Xavier.

PÁGINA 310:

- A colaboração de Filodelfion. — Achado nº 7.
- Imagem, poema de Dante Milano, com ilustração de Osvaldo Goeldi.

Afonso Arinos de Melo Franco, Paracatu, cidade do Estado de Minas, em 1 de maio de 1883. Era o primeiro filho de Virgílio de Melo Franco, que, no tempo do nascimento, exercia o cargo de promotor do município, e de sua esposa Leopoldina de Melo Franco. Sua família, do lado paterno, e do lado materno, era de ascendência de poeta. Francisco de Melo Franco, autor do "Rosa da Estupidez", um dos mais famosos satíricos que o Brasil brasileiro jamais produziu.

Em 3 anos, Afonso Arinos foi para Paracatu, sendo levado pela família para a capital de Goiás. Ali terminou com o professor Joaquim Fernandes os estudos primários, já iniciados em Paracatu com Manuel Caldeira Brandt. Aos 13 anos foi matriculado no Colégio do Cônego Costa Machado, em São João del Rei, tendo sido arquivado em livro por D. Pedro II, que lhe escreveu a inaugurar a cidade de terra Santa de Minas, demonstrando um sólido conhecimento dessa língua, embora fosse o mais moço dos alunos da classe.

Em 1891, voltou para o Rio de Janeiro, para terminar os preparatórios no Ateneu Fluminense. Foi depois para São Paulo, em cuja Faculdade de Direito se matriculou, tendo terminado o curso em 1899. Tinha 21 anos, quando partiu para Minas Gerais, para se fixar em Ouro Preto. Inscreveu-se então em um concurso que se abria no Liceu Mineiro, para professor de História do Brasil, tendo obtido a cadeira. Pouco depois, porém, juntamente com outros amigos, a ideia da fundação de uma Faculdade de Direito em Minas, cabendo-lhe a cadeira de Direito Criminal. Foi ele também quem teve a ideia da criação do Arquivo Público Mineiro, organização que tantos serviços tem prestado ao Estado de Minas e ao Brasil. Nessa época de Ouro Preto, recebeu ele alguns amigos que tinham ido para ali, fugindo das perseguições de Floriano, amigos que se chamavam Olívio Bilac, Magalhães de Azevedo, Aloisio Azevedo, Sbrilho Romêdo, Coelho Neto, etc. Em sua casa reuniam-se esses amigos todos os dias e iam uns para os outros os trabalhos que escreviam. Foi nessa tertúlia de Ouro Preto que Arinos leu a primeira vez para os amigos os seus esplêndidos contos do sertão. Olívio Bilac procurava o encanto desses dias no famoso discurso com que na Academia Brasileira de Letras, mais tarde, as duas vindas do escritor mineiro.

Triste e desconfiado do seu próprio talento, ele apresenta os seus trabalhos como de um amigo. Conta-se que, certa vez, estando a ler ao grupo uma dessas páginas, Coelho Neto o interrompeu: "Isto é seu, e de mais ninguém. É seu". Arinos já era, a esse tempo, aquele homem de maneiras mo-

delares, que tanto o aproximavam, como figura humana, de Joaquim Nabuco. Seus hábitos, seus hábitos, seus hábitos de cidade, suas convicções monárquicas, reveladas desde a época da Academia, tornam-na verdadeiramente um aristocrata. Bilac o definiu numa quadra, escrita para um dos jantares de Ouro Preto.

O Conde de Melo Franco,
Senhor de Paracatu,
Das tuas vinhas de boato
Que belos sinhos tens tu!

Sua obra literária, segundo a informação do sr. Tristão de Alencar, Afonso Arinos começou a construí-la quando ainda estudante, de 1885 a 1889. Em 1893, já está ele em contato com o público carioca. É naquele ano, no "País" de 4 de setembro, que aparece o seu conto "Manuel Lúcio" ("História do sertão"), que ele assinou com o pseudônimo de "Affur".

Em 1894, teve Arinos um contato mais saliente com o leitor carioca. Abriu a "Gazeta de Notícias" desta capital um concurso, de contos, e ele se inscreveu com um conto "A Estrela". O conto obteve o segundo lugar, e Arinos veio a público, em corajosa polémica, para discutir as razões do julgamento e da colocação obtida.

Fundada em 1895 a "Revista Brasileira", de José Veríssimo, ali ele publica várias de suas páginas: "Pedro Barqueiro", "Joaquim Miranga", "Assombração". Colabora, igualmente, na "Revista do Brasil", então fundada por Cunha Mendes e Vale e Silva. Em 1896, quando aparece o "Pelo Sertão", já o nome dele é um dos mais queridos e acatados da literatura brasileira.

Em 1896, realizara Afonso Arinos sua primeira viagem à Europa. Foi nessa viagem que recebeu, por intermédio de Eduardo Prado, o convite de Eduardo Prado, que desejava deixar a direção do "Comércio de S. Paulo", para que fosse substituído ali. Arinos aceitou o convite, e assumiu, em abril de 1897, a direção do órgão, onde tão brilhantemente revelou suas qualidades de jornalista, no manter a detestável campanha pela restauração do trono. O movimento de Canudos agita e consubstancia a alma popular paulista, e, com a notícia da morte de Moreira Cesar, a multidão empastela o "Comércio de S. Paulo". O drama dos sertões batálicos teve grande significação para o espírito de Afonso Arinos, e ele o estudou, não somente em grandes e argutos editoriais da folha que dirigia, mas também em um romance curioso, "Os Jagunços", publicado em 1898. Em 1900, apareciam as "Notas do Dia", volume formado principalmente dos artigos do "Comércio de São Paulo". São esses três os livros que Afonso Arinos publicou. Os outros, que aparecem em sua lista bibliográfica, são de publicação póstuma.

Em dezembro de 1901, foi eleito.

(Continua na pag. 299)



Afonso Arinos em 1908

O MAR — Afonso Arinos

O mar! Ele representava para os gregos, como para todos os homens civilizados, um dos sentimentos em que fostes buscar, Admirante, o motivo de vossa admissão na Academia — o da Pátria. Era-lhes a imagem dela quando, a seus olhares nostálgicos de filhos otegrantes da ansia de revê-la, aflorou na amplitude azulada o que o seu poeta chamava "o sorriso infinito das ondas". Bem sentimos, bem compreendemos a crepitosa alegria daquele bando exul de praias, habituados a vastidão e ao frescor da planura marinha, quando, depois de tresmalhados por mais de um ano, lograram escapar ao âmbito estreito do um continente hostil, por onde erravam marrahad com os cerros e os penhascos. Bem compreendemos, bem sentimos aqueles gritos de exultação quando se deparou a coluna pugnaz dos quase prisioneiros dos bárbaros o caminho da pátria no estreito das nave lobrigadas ao frol das águas e no vôo das gaivotas, aladas umas e outras, evocando-lhes ao vivo imagens longo tempo alagadas e acenando-lhes com esperanças na tanto acalentadas em vão.

Este não era de certo aquele mar nevendo dos poemas de "Ossian", onde os Elfos, vestidos de trevas, derramam a trilhação e a morte; nem aquele cujo terror fechou por milênios as nossas plagas ao convívio da Europa Ocidental; foi, sim, aquele onde a arte, planta nativa, medrou e desentranhou-se em flores, como nos lagos dos nossos jardins medram e florescem os nenúfares.

O seu poder mágico nós o estamos sentindo agora, sentiu-o o homem sempre, porque o mar, na sua amplitude e na sua mobilidade, é a mais larga e potente expressão da eterna e incessante aspiração humana para a liberdade. Sendo ele, com efeito, a mais vasta porção da superfície da terra, é também a que nunca ponde, nem poderá ser dominada, nem possuída por nenhuma aglomeração humana. E assim condenado pela natureza a uma neutralidade

perpétua, estrada sempre livre e sempre grande, ele concretiza a ideia do logradouro comum de todas as raças, o ideal nunca atingido, mas nunca esquecido, da solidariedade humana.

Afora a faixa da população que orla o nosso litoral, nós somos, a maior parte de nós brasileiros, um povo intracontinental. Pois bem; é no mais longínquo habitador de nossos sertões, na mais remota calva de capirra ou de matuto, que mais veemente encontramos a misteriosa nostalgia do mar, mais forte que a fascinação do mosteiro. Quantas vezes, a mim, que nasci a 1.200 quilômetros da costa e numa terra onde ainda hoje o ponto mais próximo de estrada de ferro fica a mais de 300 quilômetros aquém, a mim mesmo, quantas vezes não se depararam patricios cujo anhelmo supremo era poderem, como os gregos, subir o Monte Sagrado para embeberem o olhar no infinito azul do oceano!

E é talvez no nosso vocabulário do sertão que mais se guardam os termos marítimos. "Navegar", no sentido de transitar frequentemente por um ponto; exemplo: — as tropas navegavam por este caminho; "tolete", no sentido de pausado, como aquele a que se prendem os remos; "arribada", no sentido de voltar atrás; "a toa, correr à coxia, à riba, de riba, amarrar" e mil outros — são vocábulos náuticos de uso diário no sertão. Muitas vezes, à esquadra "Como vai?" a resposta é "Vou remando", para significar que se vai mansamente, mediotemente, sem vantagens, mas também sem obstáculos.

Ora, essa atração instintiva pelo canto da sereia, cujas lendas, "substractum" da poesia popular milenária do luxo, existem tão vivas entre os sertanejos, vem justificar a seu modo a observação científica de Lapparent.

Este, tratando da morfologia terrestre, assegura que o desenvolvimento e a civilização de cada país são o resultado da proporção entre extensão da linha da costa e a massa do mesmo país.

(Discurso na Academia).

Afonso Arinos e Eduardo Prado — Tristão de Azevedo

Vemos Afonso Arinos e Eduardo Prado, fundidos numa só memória, como foram, em vida, confundidos num só ideal e num mesmo amor. E com eles é a poesia da terra que se levanta; é a tradição dos antepassados que ressurgem, e a alma do povo que se abre a nós; é toda a nobreza do espírito brasileiro que reponta nesses dois "aristocratas do sertão", como os chamou Pedro Calmon.

Se quisesse aqui renovar o paradoxo do analfabetismo como índice de progresso, ninguém, melhor do que Arinos, forneceria matéria para o fazer. O homem culto que ele foi; o familiar dos meios artísticos e literários do velho mundo, que por tão longos anos frequentou: o peregrino fiel de todos os monumentos de arte humana, como sempre e invariavelmente se mostrou, — não podia entretanto ser apenas um romântico do povo rude dos sertões. O que Arinos amou naquele povo, o que nele foi buscar para da vida aos poucos contos que deixou, poucos mas imortais em nossas letras, por que souberam traduzir, para todo o sempre, um dos aspectos indeleveis da alma nacional, — não foi sua incultura mas a pureza do sentimento brasileiro, no "cerne da nacionalidade", de que falou Euclides da Cunha.

O homem do sertão é o próprio sertão, foram para Arinos não apenas um tema literário, como já se disse, mas uma advertência para toda a nacionalidade, e muito particularmente para os responsáveis pelo seu futuro. Façam-se escolas, levantem-se escolas, curem-se moléstias, abram-se a civilização nas portas dos nossos sertões interiores. — mas, por amor de Deus, preservem-se nessa massa rude, inculta, e por vezes deonte dos nossos chapadões o que nela representa a brasilidade de nossa inteligência e do nosso coração. O que Arinos queria, nem mesmo era o que Ghandi propugna para os seus indianos. Tear mecânico ou tear à mão; automóvel ou carro de boi; alfabetismo ou analfabetismo; força de músculos ou franqueza de tipo, — não é em nada disso que reside o essencial para o futuro e para a elevação de um povo.

Se tivérmos no Brasil uma invasão de escolas tecnicamente perfeitas; uma aluviação de hospitais com as mais modernas instalações científicas; uma aparelhagem industrial poderosíssima; uma legislação social perfeita; cinemas, rádios, aviões, livros e máquinas por toda a parte, — mas se tivérmos perdido esse não sei que, que não defino para não tombar na magniloquência, esse segredo tocante de sedução e de incomparável lição moral que tantas vezes encontramos no mais humilde, no mais esquecido, no mais inculto filho da miséria e da ignorância, — se assim suceder, teremos trocado a primogenitura do bem e da independência pelo prato de lentilhas do primarismo cultural e da reles mitologia da curiosidade. Contra essa traição moral e intelectual, política e estética, possível é que se insurgia Afonso Arinos. E dedicou-se então, de corpo e alma, à defesa dos que incarnam, na sua humildade, no seu anonimato, na sua incultura, na sua indigência, o próprio coração da pátria, preservado nesse misterioso e violento sertão. Não foi apenas um saudosista; não foi um romântico do analfabetismo; não foi um esleta que aspirasse a conservar fechado o sertão para gozo do seu dilettantismo de viajante. Em suas viagens era o primeiro a levar para o seu sertão, e para os seus sertanejos, tudo o que de bom nos tem dado o progresso científico e industrial do mundo moderno. Não era a pátria enladrada como um

grande parque fechado para uso de sibiritas desencantados do progresso, que desejava, o que ele queria era defender a sua terra e a sua gente contra a invasão do pedantismo cosmopolita que já via rondando traçoeramente os horizontes. O que ele queria, era, que o Brasil continuasse a ser brasileiro e a preservar as fibras morais mais rijas do seu caráter. O que ele queria era uma arte verdadeiramente nacional, impregnada do amor, da beleza, das virtudes, do coração e da paisagem brasileiros. Tudo isso ele o quis apaixonadamente, de perto ou de longe, no Sertão ou em Paris. Pois raramente se viu tão belo tipo de homem, expressão tão sadia, tão pura, tão verdadeiramente aristocrática de uma raça que nele produzia, sem o concurso de qualquer Eugénia oficial, um desses modelos por antecipação do que pode vir a ser um dia o tipo físico perfeito do "homem brasiliense". E como conservou e cultivou, em sua alma grande e simples, essas mesmas virtudes autênticas que fomos encontrar na fisionomia moral de Miguel Couto, nele nos defrontamos com um desses belos exemplares de homem, que nos reconciliam com a natureza humana, por mais que, por vezes, nos faça desaminar o espetáculo de fealdade e meaquinharia de que é também capaz essa misteriosa espécie animal, como que Deus, fazendo-nos seres semelhantes, mostrou-nos realmente a sua Onipotência...

Se Arinos foi, para nossa geração, não o romântico de um sertão embonecado, mas o revelador da sua fibra e da sua beleza natural e moral, tantas vezes rude e barbara, — foi Eduardo Prado, para muitos de nós, o revelador da nobreza do passado brasileiro. Não tampouco em seu romantismo sentimental, que por tanto tempo vigorara oficialmente, e sim na sua dignidade. Começávamos já a ser invadidos pelo pessimismo histórico, que em Portugal matou o ânimo de uma geração e que, aqui no Brasil, quase nos leva ao mesmo dilettantismo nacional. Salvou-nos Eduardo Prado dos dois males ignaus e contrários, tanto do fariseísmo histórico como do nihilismo do novo passado. Ensinou-nos o abço do caráter nacional que é

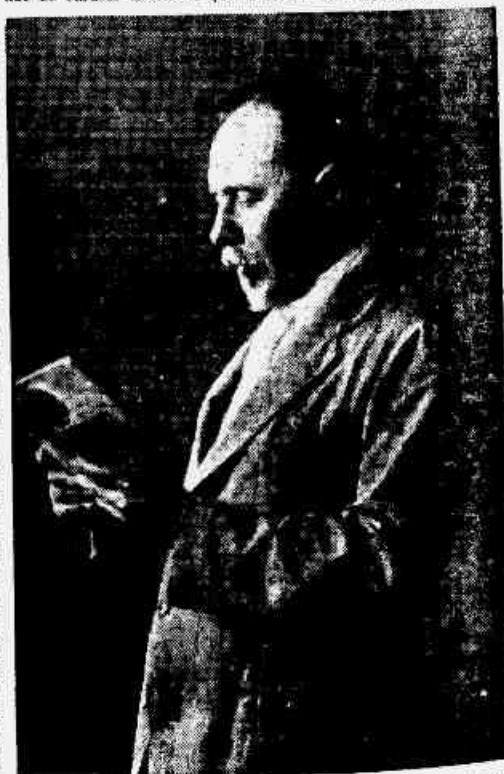


Afonso Arinos em outra ocasião de 1908 (feito em Paris)

o interesse pela liberdade política. E foi restaurar, em nós, o respeito pelos direitos individuais ou pelos homens esquecidos. Colocou de novo a justiça da nossa terra, em sua tradição católica autêntica, e leitou, bravamente, contra todas as suas deturpações. Se Arinos defendia os nossos nomes, lutava Eduardo Prado pelas nossas tradições políticas. Se Arinos nos fez amar o sertão rude do sertão, abriu-nos Eduardo Prado o peito para os mestres de obra, portugueses e brasileiros, de nossa era primitiva. Se Arinos pugnou pela linha mestra da alma brasileira, essencialmente política, revelou-nos Eduardo Prado as diretrizes mais autênticas das instituições brasileiras, nascidas da mesma espiritualidade cristã e da mesma tradição de uma civilização, da Monarquia, que politicamente erguera o Brasil e da Igreja, que moralmente o formou.

Conjugavam-se assim, seus temperamentos, seus ideais, seus métodos de ação intelectual e social. E preparavam a consciência brasileira para a defesa, iminente e necessária, contra as tentativas subversivas de envenenamento de suas fontes.

(Do discurso de recepção na Academia Brasileira).



Afonso Arinos. O escritor tem na mão o volume do seu "Contramão de Diamantes"

A IARA — versão dos Manaus — Alonzo Arinos

Jaguarari, o filho do tuxaua dos manaus, era belo como as trevoas, manhas de sol nas águas do Grande Rio. Tinha a força e a destreza, do puma autêntico, que domina a mata-arica brava, mas muito o excitava na audácia em perseguir a caça e afrontar o inimigo.

Quando ele vogava na sua laguna deslizando sobre as águas silenciosas, que a proa, como a asa de um passarinho, apenas freava as garças atrevidas, por vezes não fugiam da beira do rio, e os jacarandás mesuráveis vinham saudando-o roçando os pelos no chão.

Nas grandes festas com que as tribos dos manaus, reunidas ao redor do troceno, celebravam a admissão dos manecos à fila dos guerreiros, nenhum moço igualava Jaguarari na altivez do porte, nem na agudeza da vista, nem na firmeza do braço.

Arcando a do rio arco a sua flecha cortava a correnteza do caudal ou o pulo do maracá, e a uamiri da sua manobla abatia no voo o gavião carniceiro.

Os velhos o queriam, amavam nos as moças, admiravam-no os guerreiros e nos seus cantos a nome de Jaguarari soava como o daquele que um dia, de certo bem longe ainda, iria gozar o governo bem nas Montanhas Azuis, a sonhada mansão dos Ancestrais.

Quando ao florescer da frondez amaurana, a sua igara passava junto do barranco do rio, o manto da verde ramagem lançada sobre a corrente, as brisas folhentas sacudiam os ramos e derramavam nos negros cabelos do filho do tuxaua uma chuva de flores.

Nas tardes purpúreas, quantos vezes a sua canoa, ruboreada pelo poente e taxada de amarela esculpa de árvoreza, não subia em demorada da ponta do Taruman, onde se quedava, solitário e silente, até ao meio da noite!

Que pescaria é esta, filho, que se prolonga com as sombras a hora em que só Anhanha se deleita em correr as terras e as águas? Não ouviste al-

guma vez a sua voz temerosa trazida pelo vento? gemeador? Meu filho, meu filho! Anhanha espalha pelo capim rasteiro e pelas folhas dos arbustos as sementes das dores que mata!

Assim falava a pobre mãe tapuia quando via o filho entrar na habitação paterna a horas mortas, vindo dos lados do rio, e ficar insone, noite a dentro, com as pernas pendentes da rede selvagem, os cotovelos fincados nos joelhos e os olhos fundos e tristes a olharem, a olharem pungentemente para fora, para o rio, para a noite, para o seio negro da escuridão.

As enternecidas palavras de sua mãe, Jaguarari respondia apenas com um olhar, o olhar daqueles olhos tristes e fundos, onde se sentia a crispção de vertigem das profundezas.

— Filho, não foi de muito tempo: faz pouco ainda a alegria esvoaçava à flor de seus olhos como as marrequinhas à tona da laguna. Porque fugiu? porque foi ela fazer tão longe de ti e de mim o seu ninho?

— Mãe! — murmurava ele apenas, fazendo um vago gesto. E o seu corpo, que tinha o frescor e a seiva do tulo da palmeira, murchava, murchava sempre: o cu, um roaz picava-lhe o coração.

Ele acompanhava ainda o tuxaua nas expedições de caça e o seu braço não trema ao rugido do canussu. Mas, ao cair da tarde, evita os jovens guerreiros que armam laços para prenderem as aves silvestres e foge dos grupos que vagueiam pelas coraças do rio atirando redes de pesca.

Sozinho, salta na leve igara e voa até a ponta do Taruman, onde os comp-nheiros o veem de longe, com os olhos fitos no espelho das águas, solitário e triste como o medidativo maguari.

Um dia, cheia de apreensões funestas, sua mãe exclamou: — Filho, os juruparis perversos envenenaram o ar que respiras. Acacua vem agora cantar à nossa porta. Teu pai quer fazer longe daqui nova taba para a nossa gente. So assim a

ave da alegria voltara a esvoaçar em seus olhos...

Depois de profundo silêncio, Jaguarari suspirou.

— Mãe, eu a vi!... Eu a vi, mãe, boiando em flor como os nenúfares nas águas do igarapé. E' linda como a lua nas noites mais claras. Eu a vi! Mãe! Seus cabelos tem a cor das flores do pau darco e o brilho do sol; suas faces tiravam o rosado das penas da colheira e das flores da sapucaia. Os passarinhos que mais cantam não cantam como ela. Mãe, ela é formosa como nenhum homem das tabas do Grande Rio jamais viu nem verá. Ela cantava e à sua voz a própria cachoeira do Taruman cessou de roncicar e parou, de certo por ouvi-la. Ela olhou para mim, o mãe, e estendeu-me os braços. Depois, repartiram-se as águas e ela desceu para a sua casa, que foi esquecida já no fundo pelo céu, num tempo muito longe, quando o céu se estendia como em baixo de nós a campina multizada de flores, antes de subir e de arquear sobre as nossas cabeças a sua concha estrelada. Mãe, eu quero vê-la mais: eu quero ouvir ainda o seu canto!

A tapuia horrorizada clamou: — Foge, foge daquele lugar maldito! Nunca mais a tua igara demande a ponta do Taruman. Foge meu filho! Tu viste a "Yara"! O seu canto e agonia! Foge, Jaguarari! E' a "Yara"! de dentro de seus olhos verdes te espia a Morte!

E em soluços a velha tapuia atirou-se por terra.

No dia seguinte, à hora, em que os torcazes aos casais passavam alto, fendendo os ares em demanda do pouso da noite, a igara de Jaguarari deslizava silenciosa nas águas do Rio Negro.

Os manecos manaus que o viram passar disseram:

— Lá vai Jaguarari pescar tucunará.

Mas, súbito, de um grupo de mulheres que levavam anforas de barro à beira do rio partiu um grito:

— Corre, gente! corre, vem ver!

Audiram os moços e pararam atônitos, olhando a barra do horizonte incendiado pelo acaso. A canoa do filho do tuxaua, inundada de luz, fendia as águas com Jaguarari de pé abertos os braços, como uma grande ave selvagem prestes a desferir o voo. A igara parecia marchar em direitura ao sol, afim de precipitar-se no seu disco abraçado. E ao lado do jovem guerreiro, enlaçando-o como a beija-flor, surgia, num halo de luz argentea que se destacava no rubor do poente, um corpo alvo, de formas harmoniosas, coroado de longas madeixas de fios de ouro a esvoaçarem.

— A "Yara"! a "Yara"! — conclamaram, em grito unânime, os guerreiros e as moças dos manaus correndo para o meio da taba.

E foi a derradeira vez que viram o filho do tuxaua vogar nas águas escuras do rio.

(Das Lendas e Tradições Brasileiras).

O melhor companheiro — Alonzo Arinos

Creio que foi Wordsworth, um dos biógrafos de Sir Walter Scott, quem contou que na vida daquele escritor magno poderia alguém negar fosse ele um poeta, mas ninguém diria que não era the best fellow, o mais jovial o mais fino e chistoso anedotista da Grã Bretanha. Tomava como regra falar a todos com quem casualmente andasse, fosse qual fosse a condição social desse companheiro. Ora, para escrever para o povo é preciso ser do povo. "O que já esteve em livros pode ser posto ainda num livro", diz Bagehot, mas, um caráter original, tirado de primeira mão da natureza, precisa de ser visto diretamente, para ser conhecido.

Correspondência de escritores

CARTA DE AFONSO ARINOS A SUA FILHA CARMEN



Afonso Arinos, num dos seus últimos retratos

Langham Hotel,
24, rue Boccador, Paris,
10 de maio de 1907.

Querida Carmen,

Como é chegado o tempo dos momentos, que já não conto apregoados pelas ruas, apesar das chuvas de granizos nesta primavera sem sol, não posso retardar a minha tão espaçada correspondência com os dois "diabinhos" de filhinhas que deixei no Brasil. A estação dos morangos lembra as duas queridinhas e traz-me com o nascimento da verdura, a difusão da luz, o desaparecimento do frio sempre escuro e lacrimejante nestes longos dias ora felicemente passados, de inverno em Paris; a estação dos morangos traz-me, dizia eu, um pouco da alegria e da vivacidade e da cor vermelha que eu deixei junto do coração e dos olhos e das faces das minhas filhinhas. Recobi pelo meu antecessário, cartas e cartões de toda a família. Mas eu não faço anos há dez anos; quem faz anos é só Mamã Antonieta que, segura como é, vai guardando cuidadosamente cada ano que passa; eu não! Eu agora, cortando largo neste mundo estreito, fogo para a frente 20 anos, e só celebro aniversário de 20 em 20 anos, esperando que as constantes descobertas e os estudos dos Metchnikoff e outros, me deem a mocidade perpétua da deusa Calypso e do tio Marinhas.

Depois de uma longa excursão de dois meses pela Suíça e Itália terminada com a nossa estada em Lisboa para onde fomos ao encontro do Conselheiro, eis-nos de novo em Paris, desde o dia 20 de Abril. O Conselheiro já muito melhor seguiu daqui para a Suíça onde ficará até ao fim deste. Mes falemos de vocês, Carmen, Ainda ontem um dia raramente lindo e animado, estivemos pela tarde no "Bois" e fomos tomar chá no "Pré Catelan" que tem um novo pavilhão realmente deslumbrante. Pois quando eu via fugindo do trote de finas éguas de raça pelas alças de cavalheiros, umas amazonas da sua idade, Carmen, ficava "danado" de não poder mostrar aos pedregulhos das alças, às árvores, aos passarinhos e à gentinha toda que enche de histórias o "Bois", que também o Brasil é terra de branco e que uma brasileira esgalgada e de cabelo crespo, era capaz "d'epater" todo esse povão, com éguas, cavalos, árvores, flores, cachorros, ingleses, americanos, alamedas tudo! Você se estivesse aqui me faria passear a cavalo pelo "Bois" desafiar em elegâncias todos esses "poseurs" fatigados e fazer um flúrdio, em bem do nome tantas vezes ridicularizado da nossa terra das palmeiras.

Mãe, até agora não lhes disse nada, minhas felicidades. Estou decidido a partir daqui no dia 14 de Junho, pelo "Amaron" querendo Deus. O Conselheiro quer que a Mamã Antonieta fique e porisso, que eu vá por muito pouco tempo; Ficará ou não? A última hora, não sei o que diga.

As encomendas estão sendo ativas para seguirem logo. O que demorar segará comigo.

Não posso dar mais trabalho a você para decifrar esta longuíssima carta; porisso ponho ponto final escrevendo à querida filhinha eu e mais a Mamã Antonieta muitos abraços e beijos dos mais saudosos.

AFONSO ARINOS.



O escritor em companhia de tropeiros, no interior de Minas, em sua última viagem aos "seus" sertões



PEDRO BARQUEIRO — Afonso Arinos

Eu lhe conto — dizia-me o Flor, quase ao chegarmos à Cruz de Pedra. "Naquele tempo eu era franzozinho, magrinho de corpo, ligeiro de braços e de pernas. Meu patrão era avarento, temido e tinha sempre em casa uns vinte capangas, rapaziada de ponta de dedo. Eu tinha uma "meia légua", trocada de aço, que era meu osso da corveia". E, concertando o corpo no lomilho, soltou as rédeas à mula ruana, que era boa estradeira. Inclinou-se para um lado, debruçando-se sobre a coxa, e apertou na unha do polegar o fogo do cigarro, puxando uma bafurada de fumo.

"Estávamos, um dia, divertindo-nos com os ponteiros do Adão, lá viola. Eu estava recostado sobre os polegões do lomilho, estendidos no chão. A rapaziada toda em roda. Pouco tínhamos que fazer e passava-se o tempo assim.

"Eis senão quando entra o patrão, com aqueles modos decididos, e, voltando-se para um moço que o acompanhava, disse: "Para o Pedro Barqueiro bastam estes meninos!" apontando-me e ao Pascoal com o indicador; "não preciso bulir nos meus "pelos largos". O Flor e o Pascoal dão-me conta do crioulo aqui, amarrado a sedenho."

"Para que mentir, patrãozinho? O coração me pulou cá dentro, e eu disse comigo — estou na unha! O Pascoal me olhou com o rabo dos olhos. Parece que o patrão nos queria experimentar. Eramos os mais novos dos camaradas, e nunca tínhamos servido senão no campo, juntando a tropa espanhola, pegando algum burro sumido. Eu tinha ouvido falar sempre no Pedro Barqueiro que um dia apparecera na cidade sem se saber quem era, nem donde vinha. Cheguei uma vez a conhecê-lo e folámo-nos. Que boa peça, patrãozinho! Crioulo retinto, alto, tronco, pouco falante e desemperado. Cada tronco de braço que nem um pedaço de arcoíria.

"Estou com ele diante dos olhos, com aquela roupa azulada, tingida no Barro Preto; atravessado a cinta um ferro comprido, afiado, alumiando sempre, maior que um facão e menorzinho do que uma espada. Esse negro metia, medo de se ver, mas era bonito. Olhava a gente assim com ar de soberbo, de cima para baixo. Parecia ter certeza de que, em chegando a encostar a mão num cabra, o cabra era defuncto. Ninguém bulla com ele, mas ele não mexia com os outros. Vivía seu quieto, em seu canto. Um dia, pegaram a dizer que ele era negro fugido, escravo de um homem lá das bandas do Carlinhanha. Chegou aos ouvidos do patrão esse boato. Para que chegou, meu Deus! O patrão não gostava de ver negro, nem mulato de próa. Quería que lhe tirassem o chapéu e lhe tomassem benção.

"Daí ainda contavam muita valentia do Barqueiro, nome que lhe puseram por ter vindo dos lados do rio São Francisco. Essas histórias esquentavam mais o patrão que eu estava vendo de uma hora para outra extirpado no meio da rua, porque era homem de chegar quando lhe fizessem alguma.

"Tanto eu como o Pascoal tínhamos medo de que o patrão toposse Pedro Barqueiro nas ruas da cidade.

"Subiram de ponto esse nosso receio e a ira do patrão, quando soube de uma passagem do Pedro, num batuque, em casa de Maria Nova, na rua da Abadia.

"Chegara uma precatória da Pedra dos Anglicos e o juiz mandou prender a Pedro. De-

ram cerco à casa onde ele estava na noite do batuque. Ah! meu patrãozinho! o crioulo mostrou ai que canela de onça não é assobio. Não é dizer que estivesse muito armado, nem por isso: só tinha o tal ferro, alumiando sempre; e com esse ferro deu pancadas quando cercaram a casinha e lhe deu rum voz de prisão, o negro fechou a cara e ficou feito um jacaré de papo amarelo. Deu frente à porta da rua e encostou-se a uma parede. Maria Nova estava perto e me disse que ele cochichou uma oração, apertando nos dedos um "benzinho", que branquejava na pele negra e de sua pelaria lustrosa.

"Chegaram a entrar a casa três homens da escolta, e todos três ficaram estendidos. Pedro tinha oração, e muito boa oração contra armas de fogo, porque José Pequeno, caboclinho atarracado, ao entrar, escancarou no negro o pinguelo de um clavinete e fez fogo. Pedro Barqueiro caminhou sobre ele na fumaça da pólvora e quando clareou a sala, José Pequeno estava escurnado no chão como um boi sangrado.

"Dois rapazinheiros quisram chegar ainda assim, mas Pedro Barqueiro descadeirou um e pôs as tripas de fora a outro, que escaparam, é verdade, mas ficaram lá no chão gemendo por muito tempo.

"Daí para cá, Pedro evitava andar pela cidade, onde só apparecia de longe em longe, e à noite. Mas tudo o mundo tinha ussô cele e vivia adulando-o.

"Um dia, como já lhe contei, appareceu lá em casa um moço pedindo auxilio a meu patrão para agarrar o negro. Era mesmo escravo, o Barqueiro; mas há muitos anos vivia fugido. Já lhe disse que o patrão queria tirar o topete ao valentão, e, para isso escolheu pobre de mim e Pascoal.

— Que dizes, Flor, falou o patrão rindo-se.

— Uai, meu branco, vossemecê mandando, o negro vem mesmo, e no sedenho.

— Quero ver isso.

— Vamos embora, Pascoal! "Quando iamos a sair, o patrão bateu-me no ombro e, voltando-se para o moço, disse muito firme: "Pode prevenir a escolta para vir buscar o Barqueiro aqui, de tarde. Não de dar duzentos mil réis a estes meninos."

"Desci ao quarto dos arreios, passei a mão na "meia légua" e no facão e apertei a corveia a cinta.

"Pascoal já estava na porta da rua, assobiando. Tinha por costume, nos momentos de sempre tive fé nele. Era um trova, que diz assim:

"Na mata de Josué
Ouviu o mutum "gemê";
Ele geme assim:
Al-rê-nê, hum! airê!"

Quando Pascoal me viu, soltou uma risada.

— Está doido, rapaz! gritou-me.

— Por que?

— Queres mesmo enfrentar com o Pedro Barqueiro? Ele faz de nós passoca. A coisa se há de fazer de outro modo.

"Pascoal tinha tento e eu sempre tive fé nele. Era um cabritozinho mitrado. Sala-lhe cada idéia. Mandou-me guardar a "meia légua" e o facão. Depois, foi à venda, escolheu anzóis de pesca e veio para casa encastó-los. Eu, nem bico! Ajudei a acabar o serviço, certo de que Pascoal tinha alguma na mente.

Deixa a coisa comigo, ajuntava ele.

"Tão ainda era cedo; o sol estava umas três braças de fora, no tempo das duas grandes. Lá por casa madrugávamos

sempre, para ir ao pasto e trazer os animais de trato.

— Vamos fazer uma pescaria", disse o Pascoal. "Ali para os lados do Batista, perto de um barzelro grande, há um poço, onde as curucutanas e os piaus são como formigas. O rancho do Pedro Barqueiro fica perto. Ele mora só e eu conheço bem o lugar. Pela astúcia, havíamos de prendê-lo. Quando eu gritar — segura, Flor! — tu agarras o negro, mas, segura rente!"

"E fomos. Nessa hora me veio bastante vontade de fugir ao perigo, de ir passear, porque tinha como certo suceder-nos alguma. "Que é lá Flor!" — disse de mim para mim: "Um homem é para outro." E, depois, o Pascoal não me deixava nas embiras. Quando descemos o Gorgulho e fomos virando para o lado do córrego, fiquei meio sorumbático. Nesse tempo, eu andava arrastando a asa à Emilia, filha do José Carapina. Era uma roxa bonita de veras e não estava muito longe de me querer. Posso dizer mesmo que na véspera olhou muito para mim, ao passar com a sala de chita sarapintada de vermelho, umas chinelas novas de cordovão amarelo. Ah! que peitinho de jóia, patrãozinho! empinado, redondo, macio como o couro de lontra. Com o devido respeito, patrãozinho, eu estava na peia, enrabichado, e eu nesse mesmo dia que ela me deu esta cinta de lá, tecida por suas mãos, que guarde até hoje.

"Ali roxa da minha paixão" — pensava eu — "como hei de morrer assim, fazendo cruz na boca?" O diabo da idéia me atarantou pelo caminho e cheguei a dar tremenda topada numa pedra, no meio da estrada. Curvei-me sobre a perna, agarrei o pé com as mãos e estive dançando sem querer, um pedacinho de tempo. Depois, levantei a cabeça. Pascoal sentara num barranco e encerrava para mim, rindo. Levantei a cabeça e olhei para cima, assustado. No céu galopavam umas nuvens escuras, a modo de um bando de quixadas rodando pelo campo. "Um vento aspero passava, arrancando do genipapeiro as frutas maduras, que se esborrachavam no chão assim — pof! — espantando as juritis que andavam esparvando a terra e comendo grãosinhos. Duas arrietas gulinchavam, esquelavam. De-

pois, vi que estavam brigando — me lembra como se fosse hoje — e uma avançava para outra dando pulinhos, acudindo as asas, com o cocuruto arripiado e os olhos em fogo. O coração pareceu dizer-me outra vez — "olha, Flor, o que vals fazer". Nesse entrelanto, o Pascoal, que me encerrava sempre do ponto onde estava sentado, gritou-me:

— "Esqueceste a cabeça nalgum lugar? Vamos embora, que vai tardando já."

"Fiquei descechoado; cal em mim e fui marchando disposto. Daí em diante, fui brincando com o Pascoal, que era muito divertido e tinha sempre um caso a contar. Chegando em baixo, arregaçamos as calças e dessemos o córrego, cada um com seu anzol na vara, ao ombro.

"Era preciso que ninguém desconflasse do nosso conluio para prendermos o Pedro Barqueiro.

"Al quase que tínhamos esquecido o perigoso mandato, tão diferente andava a conversa com as caçoadas do Pascoal.

"Para encurtar a história, patrãozinho, achamos Pedro Barqueiro no rancho, que só tinha três divisões: a sala, o quarto dele e a cozinha.

"Quando chegámos, Pedro estava no terreiro debulhando milho, que havia colhido em sua rocinha ali perto.

— Vocês por aqui, meninos? Olhem! vão ali aquele poço, para baixo da cachoeira. Tem lá uma lago grande e de cima delas vocês podem fazer bichas com os piaus.

— Louvado seja Cristo, meu tio!" havia dito o Pascoal, e nisto o imitei.

"Se quiserem comer uma carne assada ao espeto, tirem um naco; está na fumaça, por cima do fogão uma boa manita. Olhem a faca lá na sala, se vocês não tem algum tazerenguegue."

Pascoal entrou, e viu recostado a um canto da parede o ferro alumiando. Pegou nele, saltou pela porta da cozinha e escondeu-o numa restinga, ao fundo. Depois me assobiou, eu acendi e fui procurar a "lazari-na" de Pedro — boa arma, de um só cano, é verdade, mas comedeira.

— Há alguma jóia por aqui, tio Pedro? perguntou Pascoal.

— Nem uma, nem duas, um lote delas. Se você quer expe-

rimantar minha arma, vá lá dentro e tire-a. Não errando a pontaria, você traz agora mesmo uma jóia.

— Quero matar um passarinho para fazer isca, meu tio.

— Pois vá, menino.

"E Pascoal descarrizou a arma.

"Pedro tinha-se levantado e falava com Pascoal do vão da porta da entrada.

"Era hora.

"Pascoal me fez um sinalzinho, eu dei volta e entrei pela porta do fundo para agarrar o Barqueiro pelas costas. A combinação era essa. Enquanto Pascoal o foi entreendo, eu fui chegando atornio, quando me gritou — "segura!" — eu pulei como uma onça sobre o negro desprevenido.

"Conheci o que era homem, patrãozinho! saltando-lhe nas costas, dei-lhe um abraço de tamanduá no pescoco. Mas o negro não pateou e, mergulhando comigo para dentro da sala, gritou:

— Nem dez de vocês, meninos! Ah! se eu soubesse..."

"Patrãozinho, eu sei dizer que o negro me sacudiu para cima como um touro bravo varde uma garrocha. Mas eu tia que, se o largasse, estava morto, e arrotei os braços.

— "Chega, Pascoal!" gritei.

— "Eu quero mamobor de fora. Animo! Segura bem que nós amarramos o negro."

"Que tirada de tempo! O negro, as vezes, abaixava a cabeça, dando de popa, e minhas pernas dansavam no ar, lutando quase o teto do rancho. Lutamos, lutamos até que Pascoal pudes meter um tobo de pau entre as pernas do Pedro, de modo que ele cambaia e caí de brugas. Nós dois palamos em rir de dila. Eu, triunfante, gritava: "Conheci o valentão? Negro é homem?" Eu era teimoso, porque dizia ainda: "Nm dez de vocês, meninos!! Ah! se eu soubesse..." Pascoal trazia lá bandedeira um embranal para carregar peixe e veio dentro dele escondida uma corda de sedenho, comprida e forte. "O Barqueiro estava no chão; e foi preciso ainda fazermos bonito para amarrá-lo.

"Agora, puxe na frente, seu negro! — gritou-lhe o Pascoal. "Havíamos juntado os braços nas costas e apertamos com

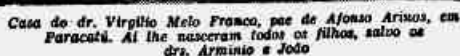
(Continua na pág. 299)



Afonso Arinos no sertão mineiro em 1915

Três cartas de Afonso Arinos a Graça Aranha

NOTÍCIA SOBRE AFONSO ARINOS



DESAMPARADOS

AFONSO ARINOS

Foi no chapadão extenso que abunha as cumeadas da grande cordilheira das Vertentes; naquele ponto dos limites entre Minas e Goiás em que o dorso da terra parece morder as nuvens baixas e apertar-se para abrir leito ao remansado Paranaíba.

Passava como peregrino por aquelas paragens ermas, tão cheias de soledade e de beleza, cuja contemplação levanta o espírito à indagação dos grandes problemas cosmogônicos.

O vento cabriolava pelas campinas solitárias, carregando panos de neblina, que se afunilavam, estendiam-se em amplas manchas de arminho roxas, ou vojavam ao longe, na comensura do horizonte, quasi brancos albornoces numa escupada de canaviaes do deserto. Pelas freixas dos morros, cingidos-os, bordando os vales, em cujo fundo se espreguiçavam pinos solitários, o barulho da chuva suas perdas fraldas, lá lançadas pelas chuvas e tão brilhantes que se afiguravam majestuosas corral de pedras finas.

Ai, nesse quadro grandioso, em que tudo era majestade e pujança na natureza, depurados os caminhos singulares, mofo e requilico, mal coberto por um esburacado chapéu de palha e uns farrapos de algodão encardido, que estavam a calhar naquela pele cheia de loides.

Era uma pobre criatura incompleta, intersticial, nem menino, nem homem, cujo rosto chapado tinha uma expressão de contrastadora alegria, nos lábios descurados que nem podiam se unir, nos olhos pequenos e admirativos que nos esguardavam como a coisas exóticas.

— Um bandeira! bandeira! — gritou o misero e, espreguiçando a estatura exigua, levantou a cabeça, abrindo os braços em menção de quem quer abraçar. De seu magro desceço desceram sobre a pele do peito adusto e arrepanhado rosários e benfins.

— "Tá lá a bandeira!" — acabou assim de exprimir o que queria dar a conhecer ao viajor, que eu era, pela mesma menção de abraço, e apontou, depois, para a freixa do morro onde balouçavam as fraldas do barulho. Tinha visto um grande tamanduá. Depois, deu uma gargalhada e continuou pela estrada afóra, tartamudeando palavras, correndo-as com risadas extravagantes, que mais pareciam vozes animadas.

Acompanhei vagarosamente aquele ente mirrado, tão contente na sua inocência, tão forte na sua nenhuma força, que mais se unilava diante da natureza pujante e infinita que o cercundava.

Perdizes placam tristemente pelo campo, chorando o tempo em que viveram nas matas, onde abundam os frutos e cantam as fontes cristalinas. Conta a lenda que daí os expeliram os fós numa guerra cruel, cuja memória umas e outras conservam no seu pio lamentoso ou no ineludido desajo.

Mudo, no meio do escampado, e compadecendo aquela miséria humana, eu sentia em meus olhos os movimentos daquele ente sem ventura, inquirindo por que motivo as feras o haviam poupado em suas montanhas ou os coriscos no meio das tempestades.

Foi então que o idiota, dando pulos de contente, mostrou-me meio de uma moita um casel de penugens perdizes quase impumes, pipilando, batendo uma na outra os cotos das asinhas. O menino estava desamparado à beira da estrada e também e tinham poucado as enxurradas, em torrentes, nesse tempo de grandes chuvas, e as raposas em sua ronda da noite.

Também os mesquinhas e desamparados encontram cáliculo de conchego no solo largo da natureza infinita.

Correspondência de escritores

Carta de Afonso Arinos às suas filhas

Paris, 2 de Novembro de 1908.

24, rue Bocador
Hotel Laughman

Queridas filhinhas,

Devia escrever uma carta a cada uma das duas meninas que ocupam um lugar tão grande no meu coração; mas vou reuni-las num só coração, antes de mais nada, porque se tivesse de decidir qual seria a primeira, ficaria na mesma perplexidade de Buridan, cujo caso já pôs maluco muitos estudantes de filosofia nos velhos tempos. Será preciso escolher o caso de Buridan? Vocês, apesar de minhas filhinhas muito queridas são também filhas de Eva e querem saber tudo. Pois lá vai: Buridan imaginava um burro a morrer de fome e de sede, mas com a mesma quantidade matematicamente exata de fome que de sede. Suponho agora que se pusesse ao lado, de cada lado daquele indolito burro, um balde d'água e outro de favelo, por onde devia ele começar, por matar a fome ou por matar a sede, quando a necessidade era exatamente, matematicamente a mesma? Buridan concluiu que o burrinho teria de morrer de fome e de sede porque não poderia decidir-se. Não se lembram minhas queridinhas pensando que eu tire a desvantagem de compara-las uma a um balde d'água, outra a um balde de favelo. Para tranquilizá-las basta dizer-lhe que, no caso, o burro seria eu. Sem fazer comparações pouco gentis, eu misturei a água com o favelo e escapei a morte. Estamos aqui as portas do inferno, com os dias escuros, chuvosos e tristes que nos fazem chorar pelo calorinho e os mosquitos do Rio. No último domingo alardei o "Bois" estava vestido de outono: as árvores às bordas das alamedas, com as folhas amareladas formando uma abóboda de ouro de lindo efeito no por do sol. Agora já se despojavam de folhagem e estendiam para o ar os negros ramos, negros e nus lembrando um exercito de famintos da Índia. Este espetáculo me dá logo uma vontade intensa da minha terra e eu não posso lembrar-me dela sem evocar sua paisagem sem associar a essa lembrança cada uma das pessoas queridas que aí deixei.

Já fui duas vezes a Londres — e coisa singular! — Londres estava mais quente e menos escura que Paris. Mamã Antonieta não me acompanhou nessas duas escapadas, o que a pôs em estado de zanga incandescente durante duas semanas inteiras! E eu sem ter ao pé de mim as minhas pequeninas para fazerem doer o riso no rosto carregado de Mamã! Até agora a parte melhor da nossa estada na Europa foi o passeio por Portugal. O passeio que demos, de Caldas da Rainha a Leiria, passando por Alcobaca e Batalha, foi uma delícia. As cenas do caminho eram realmente inesquecíveis, pois os campos tinham a animação da rindima. Começamos a entrar na vida portuguesa desde Cintra onde o Antunes nos ofereceu um grande almoço no meio da sua vinha. Já se sabe que bebemos Colletes e Moscatel a fartar, fizemos honra a uma galinha com arroz que valia uma enciclopedia papai; limpamos uma coladada de uns bifes de panela, então fizemos proezas de meter finger àdentada d. Brites, padeira de Aljubarrota, que com uma pá matou sete castelhanos! E isso tudo acompanhado de guitarras, cercados todos nós de cachopas, escaldados por um sol que não poderia em compensar-se com o de Bolafono em Dezembro. Mas, queridinhas, há sempre um "mas"!... Vocês não estavam cousado, e a coladada de galinha com arroz, os bifes, mezendo-se ansiosos nos pratos: os cachos de uvas torcendo-se nas vidreiras; as cordas da guitarra estirando-se, o próprio sol enfarruscando-se em certa hora em plena festa tudo isso perguntava-me a mim e a Mamã Antonieta: que fazem aqueles "dinhinhos" que não estão aqui perto do papai e da mamãe? E nós perdíamos logo a graça para a folia.

De Leiria fomos a Coimbra, daí ao Porto e desta a S. Gerardo do Almirante. Ai é como diríamos no Brasil, serião. De tres a quatro leguas da entrada de ferro, num terreno alpestre onde passa o rio Tago, esta cidadezinha é muito caracteristicamente portuguesa. Tem um convento — o edificio oporoso do convento de S. João III e uma parte ruína sobeja. Ao passar por aí o meu cocheiro disse-me que a maior naturalidade e entrada — e não é que é obra importante! toda de pedra, feita por S. Gonçalo! Não acaba mais!

A Mamã Antonieta, que não posta como eu das surpresas das estalagens provincianas, perdeu no um almocinho de truz, a antiga portuguesa, servido por duas esbeltas cachopas de bandis e cabelos negros, que lembravam bem, mal comparando, a "Glocondia" de Leonardo de Vinci. Toda a "quintada" e mais esvaziadas das cachopas e frutas a deixar fora não me custaram senão uns magros doce vinens! Mas a Mamã Antonieta que não quis almocar ficou como quem tivesse trincado só pimenta malaguetas! Filhinhas! quando vocês crescerem, soltem um pouco as rédeas ao maridinho sendo ele morte de anemia!

Nesse mesmo dia fomos posar numa quinta de S. Tiago no alto do monte, a uns quatro quilômetros de Amarante. Ai nos esperava o "povo da lra" e fizemos uma milhada da danças de cantares e "papeanos", a deixar saudades. Estava lá o primeiro guitarrista da universidade de Coimbra e muitas famílias das quintas vizinhas. Dançaram, cantando muitas danças nacionais que eu desconhecia, cada qual mais engraçada e catita. Os fados que eu ouvi pelo grupo dos rapazes de Coimbra, são deveras de deixar óna na boca. Saímos de lá com saudades daquele bom povo. O dono da quinta é um ranço de Vênica, chamado Eridano Esteves, que veio mocinho estudar no Porto, e no leito do Amante não mudou da sua atual mulher, casou com ela, e ligou-se de toda a terra.

Voltamos ao Porto de lá fomos tomar o "Sud-Express" na Pampulhosa e eis-nos em Paris. Pretendemos agora passar uns dez dias na Bretanha, no castelo da nossa prima a Condessa de Legge e rolando aqui contamos poder estar livres dos negócios e da pressão de poderes alcançar ainda a estarda de Petrópolis no principio do novo ano. Já escrevi doze páginas que serviram de relatório à família. Agora deixei Ahron no Manduca saudade; muitas do Azeu Abigail e d. Camilla a quem Antonieta abraça também muito saudosa. Um trem de cargas cheio de novidades para a casa da Viscondessa sem esquecer ninguém, um "wagon" para cada um, outro carro de Intendência de dar mil outras para a Casa dos Marinhos. Beijei aos sapotiseiros, aos abás, às parasitas. Digam ao Adão e a sr. Antonio que eu não moro ainda e à Regina e Nhandan que Antonieta e eu sentimos a cada momento a sua falta. Por falar em trem de ferro eu disse-lhe pelo papel afóra que não há mais freio: se não puser lá o meu nome em baixo com os últimos beijos às filhinhas o trem cai no precipício. Do papai

AFONSO.

Onde está o Manuel, que ainda não nos apareceu aqui, como esperáramos?



Afonso Arinos, o burro, da última viagem que fez para o Brasil. Tem a uma filha a esposa e no centro o sobrinho, João Melo Franco de Andrade

PEDRO BARQUEIRO

(Continuação da página 298)

vontade. Ficou completamente tolhido.

"Eu lá segurando a ponta do sedenho e levava o negro na frente. Mesmo assim, houve uma hora em que ele me deu um tombo, arrancando de repente a correr. Por s'guro, a corda estava-me enrolada na mão e eu não a larguei. Nesse instante, Pascoal tinha corrido atrás dele e lhe descarragado na nuca um tremendo murro, que o fez bambar um pouco, e me deu tempo de endurecer o corpo e segurar firme a corda.

"O Barqueiro, depois que saiu do rancho, não veio.

"Chegamos à casa de tarde e o negro lá no sedenho.

"— "Eu não disse" gritava o patrão muito contente, "que se bastavam esses dias meninos para o Barqueiro? Está aí o negro."

"E o povo corria para vir, e a frente da casa do patrão estava estivada de gente.

"Recebemos os duzentos mil réis.

"Tinha-me esquecido de contar-lhe que eu fizera uma promessa à Senhora da Abadia, de levar-lhe ao altar uma vela, se voltasse são e salvo. Cumprir a promessa no dia seguinte e arranjei uma festinha para a noite. Queriam um pé para estar com a Emilia.

"Compri um tranqueleiro de ouro para aquela roxa de meus pecados e um chale azul. Ela era esquisita. Fez muito morno nessa noite, e não me quis dar nem uma boquinha, com o devido respeito ao petráozinho.

"Sai da casa de José Mendes, onde dei a festa, quando os galos estavam amudando.

"A estrela d'alva no céu escuro, parece a uma garça lavando-se na lagoa. O orvalho das vassouras me molhou as pernas e eu estremei um boradinho. Entrei num beco que lá sair na rua de Traz, onde eu então morava.

"La meio avexado e peguei a banizar. Emilia! Emilia do coração! porque me amolinhas com esse pouco caso? E desandei a cantar, bem chorada, esta cantiga:

"Tá" trepado no pau, D' cabeça pra batxo, Com asas caídas Gavião de penacho! Todo o mundo tem seu beco, Só pobre de mim não tem!! Ai! gavião de penacho!

"De repente, pulou um vulto d'ante de mim. Quem havia de ser, patrãozinho? Era Pedro

Barqueiro em carne e osso. Tinha, não sei como, desamarrado as cordas e escapado da escolla, em cujas mãos o patrão o havia entregue.

"O ladrão do negro tinha orção até contra senhores!

"Sim me dar tempo, me dar o Barqueiro me apodou pela gola e me sugou. Lembrei-me no ar tres vezes de não o ter, e gritou-me:

"Pede perdão, calza, ome, vergonzado, do que te fiz; entem que te vou mandar pra o inferno! Pede perdão J."

"A gente precisa de um bocado de sangue nas veias, patrãozinho, e um homem me tomou! Eu não lhe dou e não nem pedra. Vi que matou, calza e disse: e me mandou o negro não me havia de por o pezo peçoço.

"Exigiu-me ele, ainda muitas vezes, que lhe pedisse perdão, mas eu não respondi. Então, ele foi me levando no atreço até uma penitência que atravessa uma penitência adronha. A boca do patrão estava escura como breu e parecia uma boca de quem tivesse de me engulir. Sua expressão arria do guarda-meia do poste e balancei meu corpo no pé. Nessa hora, subi-me um pé pelos pés e um como boquiaberto me passou pela garganta das costas até à nuca, mas minha boca ficou fechada. Então, o Barqueiro, levantando-me de novo, me pousou no chão, onde eu bati firme.

"O dia estava querendo clarear. O negro olhou para mim muito tempo, depois disso.

— Val-te embora, patrãozinho, tu és o único homem que tenho encontrado nesta vida!

"Eu olhei para ele, rasmado.

"Aquele pedaço de crueldade cresceu-me diante dos olhos, e vi — não sei se era o dia que vinha raloando — mas eu vi uma luz estéril na entre de Pedro.

"Dissempenado, robusto grande, de braço estendido, me recebeu, mal comparado o Arcanjo São Miguel sobre o o Malgno. Até clarei a face nessa hora! Tirei o chapéu e fui andando de costas, o patrão sempre para ele.

"Veio-me uma coisa na garganta e penso que me foi faltando o ar.

"Insensivelmente entendi a mão. As lágrimas me saltaram dos olhos, e foi chorando que eu disse:

— Louvado seja Cristo, tá Pedro!

"Quando eu em mim, ele tinha desaparecido."

("Felo Serião")

DUAS CARTAS DE AFONSO ARINOS - Antes da festa do amor - Afonso Arinos

SO ARINOS - Martim Francisco

As duas cartas, que de minha intimidade se mudam hoje para a circulação pública, revelam as duas predominantemente preocupações de Afonso Arinos: a literária e a política. Compatibilizadas em sua inteligência superior, somam elas um dos melhores pontos humanos que há de ser a felicidade de estimar e a inteligência de frequentar.

Logo, último, nem mesmo em circunstâncias desastrosas de respeito, liberdade, e anormalmente ou não, não lhe via um gesto de má-humor. Calmo e risonho, parecia negar ao perigo a gravidade de que, em regra, ele se recebia.

Duma feita, traiçoeiramente encurtado comigo em meia conversação, monárquica de forma e não de essência, do seu departamento, "longo como o silêncio dum deputado estadual", um minuto, um só minuto transporem — o de salvar-me de qualquer violência da polícia.

Em Afonso Arinos a bondade e o talento, equilibrando-se, como que constituíam a própria natureza. Nos outros ele quase tudo desculpava. Exagerava a moção alheia com uma persistência crescente, algumas vezes, os ruidos do entusiasmo; um, finalmente, sinceramente, desconfiança o próprio. Um traço mais do desse privilegiado conjunto de qualidades boas: Afonso Arinos estava sempre pronto a aceitar, e também sempre pronto a desculpar os que o não eram.

Não aconteceu às eminências senão que, em qualquer país de espírito, lhe pertenceriam de direito e caberiam de fato. Não quer, todavia, mais brasileiro: história, literatura, biografia, documentos, governação, tudo quanto ao Brasil se referisse mobilizava, com calma e abundância, a capacidade crítica e a sapiência atenta de Afonso Arinos. Nela pulsava o coração da pátria.

Quando, um abraço de despedida para viagem longa, eu lhe falei daquela dolorosa sentença de Antonio Vieira "se servida a pátria que vos foi ingrata, ela fez o que costuma, mas o que devia": rápido, alto, proferiu:

"E' isso! E' isso mesmo! Foi a última vez que o vi. Mas em verdade, ainda estou a vê-lo

A abstenção é a morte, principalmente a abstenção sistemática; é a negação da política. Francamente: se os monarquistas não podem ao menos disputar cadeiras de deputados e vereadores, é muito melhor deixarmos de veleidades monárquicas e tratarmos de outra coisa. Sim, porque a continuarmos a viver nessa magestosa reserva e pasmaceira, não seremos outra coisa mais do que aquele grupo obsoleto de "sebastianistas" do "Burro do Senhor Alcaide".

Dentro de poucos dias irei a Berlim e a Hamburgo, regressando ao fim de quinze dias. — Um abraço do amigo muito grato — Afonso Arinos".

"Paris, 26 de Novembro de 1909. — Meu caro amigo. — Li com grande prazer o seu excelente discurso de recepção no "Instituto Histórico". Na véspera, tinha falado muito no seu nome, que nunca me esqueço. Em contrária a tudo quanto geralmente se escreve no Brasil, onde se nota excesso de palavras e carência de idéias, o seu discurso é cerrado demais: a abundância de idéias e de fatos pedia desenvolvimento do texto e esse texto merecia grande divulgação. Assim como está, só pode ser bem compreendido por uma sociedade como a do "Instituto", versada em nossa história.

Vê-se bem que o autor quis ser conciso, falando a uma assembleia de eruditos; mas a vantagem de tal obra não está em ser lida e apreciada por um grupo seleto, e sim em ser dada como lição de história pátria a todos quantos sabem ler no Brasil.

As idéias que lá estão e os fatos indicados, alguns por simples alusões, revelando a profunda ciência do autor, formariam, desenvolvidos com a leveza e graça do seu estilo, preciosa e imortal monografia.

Porque não tenta o meu caro amigo a vida dos Andradas — um capítulo heroico da história pátria — limitada ao primeiro

Antes das festas do amor, havia a jornada exaltatória ao formosíssimo lago do Espelho da Lua, tão belo quanto misterioso e oculto da profanação dos homens pelas mãos invia e mais bruta das regiões alpestres do nosso continente, na grande ilha, que é a maior do mundo, formada pelo Orenoco, o rio Negro e o Amazonas ligados pelo canal do Cassiquiare.

Reunidas ali em torno do lago sagrado, nas noites de luar das mais belas das estações, as leamlas celebravam a festa de Yaci, a Lua, a mãe querida e temerosa das filhas selvagens.

Subiam então aos céus, no meio da imensidão do sertão amazônico, os cantos que nenhum ouvido de homem podesse ouvir, nem ouvirá jamais.

império? Escreva com a mesma desaprovação com que escrevia os seus artigos do "Comércio", deixando escorar suavemente o cabedal acumulado na sua memória.

— Na minha longa ausência, é natural que fique deslembado; por isto, escapam-me de certo algumas das obras publicadas nos últimos tempos. Entretanto, creio que a minha residência no estrangeiro não faz senão aumentar o meu interesse pelas coisas do nosso país.

Há poucos dias caiu-me nas mãos uma brochura que revela real merecimento ao autor, e nos dá esperanças. O "Poeta Cristão", de Raul Soares, publicação de Campinas, a parte certa "afetada" que o autor perderá de certo, vê-se nela que há ne ro, há lógica, há clareza e há sinceridade no saber.

As nossas letras exigem um grande movimento de reação contra o gongorismo, o mau gosto em mostrar erudição barata que não encobre a pobreza do pensamento. Precisamos de um movimento contra o pedantismo que nos fez envergonhar e destruir, com a singeleza e a sinceridade, a harmonia das proporções, sem a qual não há obra de arte.

— Um abraço de vero amigo — Afonso Arinos".

O óleo balsâmico do umiri e a fina essência do malongo resuscitavam nos ares como uma oblação aromática a deusa das noites serenas, que tece com os raios da prata os filtros misteriosos dos invisíveis amores e das germinações.

Maceradas de longas vigílias e de flagelações, as filhas de Jaci caíam em êxtase antes de obterem a purificação suprema das águas cristalinas do Espelho da Lua, em cujo fundo morava a mãe das "mueraquilas", ou das "pedras verdes".

Quando, a horas mortas, a face da Lua se refletia bem clara na superfície polida do seu lago Espelho, então as amazonas mergulhavam nas águas e recebiam das mãos da mãe das pedras verdes, como penhor da sua consagração, o presente dessas joias sagradas.

Antes de expostas ao ar e à luz do sol, dos quais somente recebiam a sua dureza e consistência, eram as mueraquilas como barro e assim tomavam do capricho das amazonas, que as afeioavam à sua guisa, as mais bizarras formas: qual a de uma flor, qual a da cabeça de uma fera.

Essa a história, fabulosa ou não, das amazonas brasileiras e das pedras verdes. Se aquelas desapareceram por completo, estas ainda existem em mãos particulares e em museus. Alexandre de Humboldt deu-lhes o nome de "amazonstein" e considerava-se cientificamente um feldspato comum; Buffon classificava-as como "jade" e o nosso sábio Barbosa Rodrigues, nas suas "Antiguidades do Amazonas" chama-lhes "feldspato laminar verde", usadas como enfeite pelos índios, que as tinham como seguro talismã contra malefícios. Na memória actua referida, conta La Condamine que as pedras verdes ou das amazonas, cuja origem se ignora, eram muito procuradas por causa das virtudes que lhes atribuíam de curar a pedra da hénica, as colícas nefríticas, a epilepsia, etc., como se pode ver numa das cartas do poeta Voiture a mil. Paulet. Há sobre elas um tratado impresso com o título de "Pedras Divi-

nas". Não diferem em cor e em dureza do jade oriental e resistem à lima, não se sabendo por que artifícios os antigos indígenas americanos, que ignoravam o uso do ferro, puderam lapidá-las e dar-lhes diferentes figuras de animais.

O padre Moraes, nas suas "Memórias do Maranhão", seguindo o dizer dos índios, fala também do lago de onde se retiravam as pedras verdes, existentes nas cabeceiras do rio Jamundá. E como os variados felizes dessas pedras só podiam ser dados por arte humana, pensava o autor que elas receberiam tais formas sendo ainda ducteis como barro.

Isto deveria ter-se dado antes ou logo após a sua retirada da água porque depois se faziam tão duras como o diamante, resistindo ao ferro e ao aço de lâmpara mais forte. Finalmente, o padre Moraes referindo-se a origem misteriosa dessas gemas, afirma ter possuído algumas o saber que ao celebre museu do Papa Benedito XIV, em Bolonha, fora enviada uma delas representando a cabeça e o pescoço de um cavalo.

A realidade e a fabula andam assim tão de companhia, que os mais prudentes e refletidos já não opõem a fabulas tais a negativa forma; da verdade positiva contra as fantasias da imaginação.

Porque a forma da lenda ou do mito reveste muita vez a falaciosa aparência das miragens e tem a esdémica beleza dos castelos de nuvens dos nossos horizontes iluminados, mas o seu fundo vem filiado das próprias raízes da vida.

Não seria o Jaciuará ou Espelho da Lua o mesmo "Lago Parima", cujas areias eram ouro puro e a cujas bordas existia a fantástica cidade de "Manoa del Dorado", buscada em vão por tantos homens valorosos, a quem custou a vida? O grande Walter Raleigh, navegador, estadista, escritor e guerreiro inglês dos fins do século XVI não embateu o seu gênio contra as garras dessa Quimera?

(Das "Lendas e Tradições Brasileiras")



Grupo feito no Itamaraty. Sentados vem-se Afonso Arinos, Homem de Melo, Barão do Rio Branco e Gastão da Cunha. De pé, vem-se Euclides da Cunha, Araújo Jorge (hoje embaixador), Graça Aranha, entre outras pessoas que não conseguimos identificar.

Saudação a Afonso Arinos na Academia Brasileira de AMOR AO PASSADO

O vosso respeito do passado, — conhecem-no bem os que vos leram e leem, no livro e no jornal, e conheço-o ainda melhor, eu, que o estudei e admirei, em saudosos estudos de intimidade; e para mim um consolo e um orgulho e lembrar aqui o tempo amável e ocupado, trabalhoso e suave a um tempo, em que vivi convosco, há anos, no velho seio de Minas, perambulando caminhos sepulcrais, ressaltando idades perdidas, ressaltando almas defuntas. Foi em Ouro Preto, na antiga Vila Rica. Tivemos ali meses de uma vida singular, intensamente vivida, cheia de completos prazeres intelectuais — que só podem ser bem contados aqui a uma assistência escolhida e culta como esta, capaz de compreender como dois homens em pleno vício da moridade puderam passar semanas e semanas entre os vivos, não de vendo nem ouvindo, e se tendo ouvidos e olhos para um estranho mundo de sombras e de fantasmas. Bem vos deveis lembrar... Enquanto pelas ruas de Ouro Preto, naquele ano trágico de 1893, os vivos comentavam com calor os episódios da revolta naval, e os bombardeios, e as prisões, e as loucuras — nós não, mergulhados no passado, conversávamos com espíritos. Toda gente do século XVIII — capitães-generais, ouvidores, militares de El-Rei, aventureiros, traficantes de pretos, tráfegos e freiras, tiranos e parvos, fidalgos brilhantes e pobres batedores de ouro e caçadores de castanho, garimpeiros, senhores e escravos, damas de casa orgulhosa e imundas pretas descaldas, ricos proprietários e contrabandistas farroupilhas — toda essa gente acudia ao chamado da nossa curiosidade, e saltando das casas arruinadas do Padre Faria e de Antônio Dias, evadindo-se do mistério dos arquivos, repovoando as ruas cheias de escombros, vinha reviver conosco a sua antiga vida pitoresca. Logo cedo, pelo íntimo rua Direita, iam-se a larga praça do Palácio. De um lado ficava a imensa

Casa da Câmara, alto cubo salpicado de janelas, tipo acabado da arquitetura colonial, com os varões de ferro da cadeia em baixo, e, em cima, a torre severa abrigando o sino anríco, a antiga campana de rebato, que servia outrora para transmitir ao povo humilde, com a sua voz temida, a coíra ou a bencam, ambas paternais e pesadas, dos representantes de El-Rei. Do outro lado, o Palácio — um fortim, cuja presença causava espanto naquela praça tão calma, e a cujas seteiras, ameias e barbacãs o apuro da pintura nova não conseguia tirar o aspecto ferrenho e hostil. Era no rez do chão dessa fortaleza, remanescente da era colonial, que estava instalado o arquivo público de Minas: era ali o cemitério das idades mortas, o campo-santo das nossas origens. Esse arquivo tem hoje, graças justamente a esforços vossos, outra instalação, destinada a salvá-lo de uma ruína que teria de pesar na consciência dos modernos como o remorso de um grande crime; mas, naquele tempo, a tristeza e a anelidade da instalação diziam bem com a anclandade e a tristeza do depósito. Entrávamos, com respeito, abafando o pisar; e, assim que começávamos a folhear os grossos livros encapados em couro, uma poeira sutil começava a encher o interior e triste saía. Foi ali que respirei largamente isso que o mais desmoralizado dos chavões dá o nome de pó-do-século... Era um pó que parecia sair do fundo de ossuários remexidos, um pó impalpável e invisível, que era como o bafo úmido e ténue do respirar dos "in-folios" comido das traças. A medida que iam virando as páginas, roboradas de uma escritura quase hieroglífica, miudinha e certa, retalhada de barras caprichosas, com fantasias de recorte nas maiúsculas e voltas feéricas nas virgulas acaramujadas, as nossas impressões exteriorizavam-se; e, no pó finíssimo que pairava em torno de nós, percebíamos vagos cheiros indefinidos, que se casavam ou contrastavam, harmonizando-se, como as notas de uma concer-

tina de aromas: havia o cheiro fresco dos vales, das montanhas, dos ribeiros de águas cantantes, de todo aquele seio de natureza virgem pesquisado pelas caravanas da conquista; o cheiro úmido da terra cavada, e das gupiaras cheias de gorgulho; o cheiro apagado e curioso do incenso das ses e das sacerdotas; o cheiro da mandioca maceirada com que as damas faziam brancos os cabelos... E, não raro, subia e dominava todos os outros um cheiro acre de sangue, uma exalação de mortuárias podres, de cadáveres de mineiros soterrados nas minas, de garimpeiros rebeldes espartilhados pela justiça, de pretos famintos e de reinóis insubordinados, corridos a pontal de lança pelos dragões de El-Rei... Assim, no estudo dos tempos mortos, consumíamos as horas; e ou fulgurasse lá fora, em dias lindos, a luz do sol, ou, em dias de chuva, se emaranhassem no céu as cordas da água, a vida que nos preocupava não era a do povo que trabalhava ou viajava nas ruas, mas a das gerações que se tinham ido da terra. Quando salíamos, os espectros saíam conosco, colavam os seus passos aos nossos, sentavam-se conosco à mesa do hotel, acompanhavam-nos nas peregrinações pelos arredores cobertos de ruínas. Nunca me esquecerei de um cair de noite, que nos surpreendeu certa vez, fora de portas, na derrocada via da Água Limpa... Com o vir de sombra, um mistério indizível encheu a paisagem, e um calefrio de medo terror e um sopro de alem-túmulo sacudiram a natureza. As figueiras bravas cresciam desmedidamente e tomavam formas estranhas; as gêmeiras bracejavam como avantezas; havia gemidos no rolar dos calhaus que os nossos pés topavam. Uma luz imensa, imensa e redonda, pairou no céu escuro, como um broquel de prata pregado num muro negro, e espalhou a sua luz melancólica, sobre a solidão. E, ao vosso lado, pisando aquela estrada que tantas gerações haviam pisado séculos atrás, ouvindo a vossa voz que me falava com tremula ternura e vibrante paixão dessas vidas apagadas, compreendendo e amando o amor que vos aferrava à veneração dos povoadores da vossa terra — eu tinha a ilusão de levar comigo não um baço de 1893, mas um daqueles cavalheiros e galanteios na roda do capitão-general D. Pedro de Almeida e Portugal. Quem lá comigo não eras vos, mas um dos vossos antepassados da veneranda Paracatu, daqueles que também, como D. João de Castro, viviam e morriam pela lei, pelo rei e pela pátria; e, ao clarão do luar, uma pluma ondeva sobre a pala do vosso chapéu; o vento brinca com os folhos da vossa camisa de rendas e sacudia as abas do vosso gibão de seda; e pelas pedras tinha arrastada e nervosa, suspensa do talabarte de veludo, a bainha do vosso espadim...



O último retrato de Afonso Arinos. Foi tirado em Belo Horizonte, e publicado, pouco depois de sua morte, pela "A Voz de Minas".

nham os olhos sem brilho, quase inexplicáveis, a não ser um quê muito fugaz de carinho, que nelas boiava ainda como uma flor desprendida da haste e já quase feneceida, flutuando na superfície de um lago dormiente". Quando vos separais desse des-troço de uma outra idade, reunis assim a vossa compaixão enternecida: "Que página sentida de esquecidos. O intérprete do coração humano, que goa mais do que a sua vista desse pergaminho mudo, engelhado no rosto da velhinha! Essa por infinita e resignada, essa dor desamparada e humilde daquele despojo humano, é mais dolorosa do que a do mito imortal de Prometeu..." Mas não amais a velhice apenas nas criaturas humanas; também as amais nas coisas, que envelhecem mais devagar do que a gente, e ficam por mais tempo expostas à irradiação ou à indiferença dos incompassivos. Vós o dizeis: "O encontro de algum objeto antigo tem sempre para mim alguma coisa de delicado e comovente... Moveis ou telas, papéis ou vestuários, — na sua fisionomia esmaecida, no seu todo de ele, eles me falam ao sentimento como uma música longínqua e maviosa, em que se contam longas histórias de amor..." Diante de um velho cravo, "primoroso na fábrica, incrustado de bronze e ornado de labores de talha na madeira negra", ficais a mirá-lo com amor, perguntando: "Que linguagem açafata, ou melindrosa, tinha-moço, cravo centenário, esfolhou e marfim do teu teclado, desafiando o ritmo grave de uma dança solarença, ou, a furto, a dengueira felicidade de um fado vilão?" 2. Logo depois, diante de uma cadeira bichada e desconjuntada, vista num fundo lóbrego de sacerdotia, escreveis: "Morre, desaparece que talvez — porque não? — a tua dona mais gentil, aquela para quem tuas alfaias tinham mais delicada carícia ao receber-lhe o corpinho mimoso, aquela que recendia um perfume longínquo de roseira do Chiriz talvez te conduza para alguma região ideal, dourada e fogdiga, inacessível aos homens... Desaparece, aniquila-te, ou foje, cadeirinha! Lá, naquela mansão bemaventurada, pegaria teus varais, não lacaios de libré, mas alvos, mancebos de vestes

brilhantes e olhar atrevido. Esses conduzirão através de nuvens a criatura feticheira que encantou o seu tempo e que deixou impressa no taboado de tra fundo, o cadeirinha de outras eras, como uma carícia eterna, a lembrança do contacto de um pé tufo, calçadinho de setim". Ora, aqui está o meu companheiro de pesquisas nos arquivos de Vila Rica, — aquele cabito mancebo, em quem uma vez, num sonho fugaz, ao cabo de um passeio pela rua de Água Limpa, julguei ver um fidalgo reinol, dos que dançavam e minuetavam na corte do Conde de Assumar...

Mas, no lado dessas velharias animadas e inanimadas o vosso livro canta belamente as novas gentes e os novos rostos que animam o sertão. Um poeta, amigo das árvores como todos os poetas, disse um dia que, quando encostava o ouvido ao grosso cortex de um covide de mata, ouvia lá dentro as vozes harmoniosas da seiva, na sua circulação criadora e tumultuosa. Eu também, quando folheio o volume em que celebras a vida sertaneja, ouço circular por ele, em hinos ardentes, a prole de uma grandeza futura para a terra que tanto amais — para a terra que tanto amamos. Com que entusiasmo, com que admiração comovida, com que energia de pincel, com que vibração intenso de estilo, contais a nobreza de alma, a coragem heróica, os amores brandos e impetuosos, os fogosos ciúmes e a negociação rara, a paciência obstinada, e também as eras e as simples, que vivem para amar a vida e o trabalho, a natureza e a liberdade, a terra e o céu na independência do seu ser, sob a proteção de Deus. E lá faca que trazem a vida! Estas poucas palavras, que estão no livro, são os Fastos da Vila Sertaneja. Aqui temos o nobre Manoel Alves, arriero alveiro, farto de afrontar homens e feras, afrontando as almas penadas de uma tapeçaria de assombração, e enlouquecido de angústia por ter encontrado a vida com a energia de uma alma educada em superstições, aqui temos a linda Estelita, a flor do sertão, de colo de anilão e carnadura cheia de vício, aqui se desgraa pelos zeos, aqui se



O escritor, na época em que tomou posse de sua cadeira, na Academia Brasileira de Letras.

SÍNTESE DA OBRA DE AFONSO ARINOS

Nos assuntos, o vosso respeito do passado sugere às vezes o vosso estilo trechos de uma ternura infinita. Ides por uma rua solitária de cidade em ruínas. Encontrais uma casa humilde. Entrais. Aparece-vos uma velha mulher e aqui está como a descreveis: "Um leve ruído faz-me voltar o rosto e ver, então, emoldurada pelas hombraes da porta, no fundo, uma estranha figura de mulher, vestida de algodão muito branco, com o torso pendido a uma dor intensa, sopitada a custo, e a fisionomia cansada, emurhecida, repuxada de rugas, onde mal se adivi-

(RÉPLICA AO ESCRITOR PORTUGUES
JOSE OSÓRIO DE OLIVEIRA)

-- "ESSA COISA ESTAVEL,

Em "Brasília", e agora numa "separação", intitulada "O Brasilismo de Machado de Assis", o sr. José Osório de Oliveira — um dos escritores novos de Portugal — me distinguia com algumas objeções a "Marcha para Oeste".

Euclides e Machado

Primeira indagação do leitor: que relação existe entre a tese de meu modesto ensaio e o Brasilismo de Machado de Assis?

Muito simples. No capítulo final da "Marcha para Oeste" (primeira edição) falei a propósito da mobilização das inteligências em função de "bandeirante". Isto é, de criar mais Brasil e defendê-lo na sua cultura, nas suas fronteiras espirituais, no seu novo tipo de civilização. Citei, então, as duas atitudes da mentalidade brasileira: uma, preocupada com os problemas do nosso "hinterland"; outra, sofrendo a "hemiplegia do literal". Euclides e Machado seriam os representantes típicos dessas duas tendências contrárias. Achei que a nova marcha para o Oeste — agora transposta para outro horizonte cultural — tinha que levar consigo, como roteiro, a obra do bravo escritor de "Os Serões". Foi Euclides quem primeiro chamou a nossa atenção para as populações que vivem "bandeirando", lá dentro. Ao passo que Machado de Assis, o delicioso escritor de "Capitão Coração de Ressaca" e da "confusão geral", é um escritor de elite, retraído, clássico, contaminado por um negativismo sorridente mas chovinista miúdo, que corre até à medula toda e qualquer convulsão a respeito dos valores da vida.

Negativismo próprio do literal. Com passagem por Dosztoiewsky, Schopenhauer e Sterne...

Creio que não estava eu dizendo novidade alguma, ainda apenas documentando uma realidade, lá aceita por todos.

Pois não foi Lucia Miguel Pereira — justamente a pena que nos brindou com a mais penetrante biografia de Machado — quem deu a Euclides da Cunha o epíteto de "escritor bandeirante"?

São de estas palavras: "Euclides foi o desbravador dos sertões, o primeiro que ousou quebrar os moldes clássicos e falar do Brasil em brasileiro".

O caráter lusitano do bandeirismo

Vai daí o sr. José Osório de Oliveira e resolve discordar do meu humilde raciocínio brasileiro.

Para ele, Machado é que deve seguir na "Marcha". (Ainda se fosse um simples machadista de fraquejar...) Nada mais natural que o bandeirante moderno esteja reproduzindo as suas palavras, leve consigo a obra que o mais extraordinário prosador que a cultura portuguesa transportada para o Brasil produziu, até hoje... Justificando o seu alvitre, lembra Osório o precedente de umas estrofes dos "Lusíadas" terem figurado no testamento do bandeirante Pero de Araújo. De facto, em Camões, havia o símbolo daquela "obra do acaso" a que se referiu Alcantara Machado: "um fragmento da epopéia dos Gamas a servir de fecho ao inventário do bandeirante obscuro".

Porem, é necessário lembrar que a "obra do acaso" não prova (apesar de se haver dito que a descoberta do Brasil também foi obra do acaso) o caráter lusitano do bandeirismo. Não é não. O costume de bandeirar — segundo Anchieta, "já era indígena". Si um bandeirante lá Camões, nas horas vagas, não é menos certo que outro bandeirante lá Cervantes. Tanto assim que um volume das "Novelas exemplares" lá está, no rol de outro inventário.

Aliás, o bandeirante falava muito mais tupi que português. O português (sirvo-me de um ensinamento do sábio Teodoro Sampaio) só entrava depois, "com o progresso da administração". É a melhor prova está em que — como nos conta mestre Capistrano — bandeirante queria dizer "conhecedor d. língua geral"...

Inteligência bandeirante

Atinal, o que pretendi acentuar, em "Marcha para Oeste", é que hoje, como ontem, não é toda a inteligência, por mais formosa que seja, que se pode chamar bandeirante.

Assim, procurei documentar a "espécie" de inteligência de que era, ao tempo das bandeiras, dotada a gente do planalto e o grande papel que ela desempenhou na própria irrupção do fenômeno. Só homens "ricos de imaginação" — dizia eu — principalmente os mamelucos descendentes de espanhóis, poderiam criar mitos (como o da Serra Dourada) e meter-se no mataroz em busca das itaberbocês resplandecentes. Havia, a bem dizer, um tipo de inteligência (aquela que se ligava mais à ideia de expansionismo, por estar sempre associada a elementos emocionais e motores) que colaborava na "ambição" (de ambição, no sentido de brigar, desejar ardentemente) dos cabos de tropa e de todo o seu séquito multicolorido das riquezas fabulosas. Desconhecendo os limites da comparação, da abstração e da experiência, a imaginação só se detinha na fronteira do seu objetivo, que estava sempre além de uma realidade presente e imediata.

Não há de ter sido em vão que Anhangüera (por exemplo) confinava "mitos na fantasia do que na memória" ao procurar a serra que viria em menino.

A nova marcha, em seu sentido cultural

Agora, as riquezas do oeste estão pedindo "novos bandeirantes, equipados de nova técnica".

Nesse retorno do Brasil a si mesmo haverá um lugar seguro para os valores intelectuais e culturais. Dada, porém, ao bandeirismo a significação a que ele tem direito, vemos que há escritores que (na mais lógica) não só pela sua índole, pela sua formação cultural, como também pelo gênero de estudos a que se dedicam, se classificam como bandeirantes, em contraposição aos que se poderiam classificar como europeus, cosmopolitas, literários, embora nascidos no Brasil. Que dizer, para citar dois ou três exemplos do passado, de um Couto de Magalhães, de um Barbosa Rodrigues, de um Afonso Arinos? Veja-se, no presente, o caso de um Ruy de Pina, que viajou pelo Brasil todo, que visitou a Serra do Norte e, com o material lá recolhido, escreveu a sua esplêndida "Rondonia". A contribuição do próprio Rondon, do ponto de vista geográfico e etnográfico, quanto coisa revelou para o Brasil, para a nossa cultura. As bandeiras de hoje têm, assim, esse caráter de contribuição específica à cultura moderna. Correr que nunca faltou às tradições, às histórias, que descobrimos o Brasil em suas origens, em sua "floresta", em sua paisagem nativa, em seus esconderijos quasi bíblicos, nos cafundós de sua geografia e da sua etnografia, no estudo das suas riquezas naturais, na sua geopolítica, não faltando, mesmo, uma expedição, no século XVIII, expressamente destinada à exploração científica do Tibete.

Daí Euclides, em perfeita oposição a Machado de Assis,

É que diferença! A inteligência de Euclides vai perscrutar as questões da raça e da terra; a inteligência de Machado é daquelas referidas por Henry Maass: "souffrir d'une vanité abominable" em face dos problemas brasileiros.

Reserva e timidez

Não me parece exato, como pensa José Osório de Oliveira, que o público brasileiro seja "tão atento e enlevado" diante da obra do maravilhoso estilista de "Dom Casmurro". Esta obra é, em virtude de sua natureza — inacessível à média da compreensão popular. A minoria letada é que a lê como lê Anatole ou Proust. Machado é um escritor de "elite". Por isso, sua arte, embora admirável, só por exagero poderia ser lida como fixadora da "maneira de ser" — já não direi dos brasileiros em geral mas dos mineiros e paulistas. Natural do vale do Paraíba e pertencendo, portanto, à região característica do Brasil onde — no entender de José Osório — melhor se explicaria a finura de Machado, é que posso melhor reivindicar, do meu ilustre opositor, a percepção necessária, natural, (autenticada por uma espécie de parentesco psicológico), para dizer que Machado não possui de brasileiro, psicologicamente enquadrado no ângulo sentimental e espiritual onde me conheci por gente. Aquela reserva, aquela timidez — que o distinto escritor português observa em mineiros e paulistas — são, antes, produtos culturais que as naturais transformações da sociedade justificam. Em São Paulo, o fenômeno é bem visível. Decadente, economicamente, a aristocracia cafeeira, britanicamente reservada e tímida, em geral, as gerações burguesas (sobretudo as de origem estrangeira) imprimiram ao atual "behaviour" bandeirante um sentido que até clamam de desabusado. A obra do expansionismo conquistador poderia explodir da reserva e da timidez? Ou será produto da imaginação ardente, que explica aquela "ambição" capaz de todas as correrias continentalistas?

Não sei se José Osório conhece hoje o caso de uma cidade paulista, que conserva, como uma reliquia histórica, o "rancho" onde Euclides escreveu "Os Serões" — São José do Rio Preto. Pois que melhor documentação da preferência dos paulistas pela obra euclidesiana, em oposição à machadeana?

O Brasilismo de Machado de Assis

Interessante. O escritor José Osório de Oliveira queria provar a mim — brasileiro — que Machado é brasileiro e não português...

Não quero, é claro, negar a Machado o que é de Cesar — o lugar que ele ocupa como modelo literário de sua época. O seu caráter universal, quem o contestaria? O que Machado não fez, foi ser brasileiro — para ser universal. Não seguiu o exemplo de Camões que se tornou universal por ter sido português de quatro costados.

Havia eu dito que ser brasileiro em espírito é coisa muito mais fácil do que se pensa, o que retrucou o sr. José Osório, dizendo que não é tão fácil como se quer.

Ora, sempre é mais fácil a um brasileiro pensar e sentir brasileiroamente (nem que o não queira, às vezes) do que a um português ilustre (por mais que o queira). A verdade é tão clara que eu não precitaria citar exemplos. Não fa, muito tempo, ainda, um escritor que exerce as funções de secretário da Educação numa das regiões mais "paulistas" do Brasil (o Rio

Grande do Sul) e mais espiritualmente desenvolvidas, negava-se a dar o nome de Machado de Assis a um simples grupo escolar, sob a alegação de que Machado de Assis não era um escritor brasileiro. Embora não esteja de acordo com a resolução (pois as crianças de um grupo escolar não sabem quem é Machado, que assim lhes deixa de ser nocivo, e tanto analfabeto terá recebido homenagem idêntica, quanto mais um dos maiores escritores do mundo) não há dúvida que haverá mais verdade na opinião do secretário da educação do Rio G. do Sul do que na opinião do sr. José Osório de Oliveira.

É possível que o meu juízo sobre Machado de Assis não consiga contrariar "aquilo que o mais lúcido historiador da literatura brasileira, José Veríssimo, tão claramente viu".

Uma coisa, porém, é certa. É que o juízo de José Osório sobre José Veríssimo pode ser vantajosamente contrariado pelo de um Ronald de Carvalho, quando diz:

"Veríssimo, que possuía uma observação direta muito apreciável dos valores isolados, não tinha, entretanto, uma larga intuição dos problemas humanos. Contentava-se com apontá-los de passagem; não entrava por eles, rotulava-os provisoriamente, sem sequer aprofundar-se a um comentário mais penetrante. Ainda, "faltava-lhe uma certa mobilidade de inteligência, e aquela força de coesão interior necessária ao crítico de ideias puras, no experimentador dos fenômenos sociológicos dos quais decorrem todos esses fenômenos artísticos, científicos e literários. Veríssimo não auscultava as raízes íntimas da obra..."

Lembrarei, enfim, que, num ensaio especializado, o crítico batavo Eugênio Gomes demonstrou, definitivamente, o quanto Machado deve, como escritor, aos ingleses. (Recordo-se, de passagem, que aquele capítulo sobre reticências — de um famoso livro de Machado — é idêntico a outro, adotado por Sterne, segundo já se observou).

O Bras Cubes e "Os sertões"

Poderia eu dizer que Machado está, realmente, em condições de ser citado em testemunhos... Já não poderia dizer, contudo, que Machado representasse um modelo, ou uma simples indicação, no domínio das virtudes bandeirantes. Ao contrário, si há um escritor tipicamente anti-bandeirante é ele. A sua sutileza, o seu pessimismo jamais lhe dariam o ímpeto, a coragem para afrontar o desconhecido. O seu profundo desdém pelo sertão o impediria de se meter com gente rústica ou de falar tupi. O seu desejo de não parecer que era mestiço, negando a própria origem, o teria obstado, naturalmente, de se macular na companhia daqueles "mamelucos de San Paulo", que queriam acabar com a inquisição a flexadas... A sua incrível covardia mental, burocrática, dada a fazer sonetos a Pedro II, (coisa que prova bem a origem cortezá do soneto), seria incapaz, enfim, de compreender a heróica daqueles que, por desobediência às ordens da coroa alargaram as nossas fronteiras territoriais. Tudo isso dá ao grande escritor de Euzébio um caráter que o incompatibiliza para essa retomada do fio histórico, interrompido no século XIX.

Euclides metido numas botas de cano alto, chapéu de brado à testa e gibão de algodão, é uma imagem que todos aceitam. E Machado de Assis? Não é preciso, entretanto, este divertimento à custa de hipóteses.

Bastará o confronto do "Bras Cubes" com "Os sertões".

A bandeira na formação social do Brasil

Alega José Osório de Oliveira que pretendi explicar exclusivamente pela bandeira a formação social do Brasil.

Não é verdade. Causa-me estranheza, até, que um escritor de tamanha responsabilidade houvesse torcido o meu pensamento com essa desenvoltura para concluir — não de acordo com o que leu — mas à margem do que leu. Hábito já previsto por frei Vicente do Salvador... Eu não disse: a bandeira. O próprio subtítulo da obra demonstra que apenas aludi à "influência da bandeira na formação social e política do Brasil". Em certo capítulo falo mesmo das relações da bandeira com "outros grupos sociais da colônia" pois "já sido ela a forma específica das relações do grupo planaltino com os do nordeste. Se há "outros grupos" é porque não falei em explicar só por um deles a formação social do Brasil. Não lhe teria ficado mal um exame mais detido da tese que sustento, ao dividir a sociedade colonial em três grupos — de acordo com a mobilidade horizontal de cada um: 1. o grupo estavel, fixo, escravilizado, pe de boi (como dizia mestre Gilberto) localizada na área social da casa grande e senzala, onde havia pedras para construir casas grandes. E a sociedade agrária do literal, com a sua monocultura absorvente — uma minoria de brancos e brancões dominando patriarcal e polígamos, do alto das casas grandes de pedra e cal, não só os escravos criados como lavradores de partido, e atacadados, moradores de roças de

taipa e palha, vassallos das casas grandes em todo o tipo de expressão. Essas casas grandes (tudo isto são palavras de Gilberto Freyre) representam imenso poderio feudal. 2. A sociedade pastoril, com possibilidades de vida democrática, onde se ensaiou aquela curiosa "democracia do couro", de que nos fala Capistrano, mas com o seu horror à violência (Handelmann) e deslocada para os sertões, o nordeste dos vaqueiros e dos currais. 3. A sociedade bandeirante, localizada no planalto, caracterizada por um processo de vida e por uma técnica de produção inteiramente diversos, sem pedras para construir casas grandes, voltada ao fascínio de umas outras pedras, infinitamente minúsculas e difíceis — como as pedras verdes da fabula — e em contacto permanente com o grupo aborígene, volante, rico de extrema mobilidade, capaz de andar mais depressa do que todos os esquadrões do mundo, ou mais rapidamente a pé do que cavalo a galope na observação de frei Cardim. Alvacado é de frei Cardim. A mesma classificação engendrada para maior clareza do pensamento que pretendi desenvolver, coloquei a bandeira na sociedade móvel, no grupo social que não era nômade nem fixo mas intermediário. De herdado, que é constituído de 2 volumes, com mais de trezentas páginas cada um, não conta, pois, uma só expressão, uma só palavra por onde se chegue ao juízo a que cheguei o sr. Osório de Oliveira, para dizer que exclui, em absoluto, qualquer outra contribuição que não fosse a da bandeira.

Mas vamos ao principal: acha José Osório que a bandeira, como simples agente de civilização, "não pode ser um elemento formativo dessa 'coisa estavel' que é uma sociedade".

Tal afirmação comporta problemas que não podem ser resolvidos assim, numa simples penada.

A "coisa estavel" do sr. José Osório

Para se saber si a bandeira

QUE É UMA SOCIEDADE?...

CASSIANO RICARDO

(Da Academia Brasileira de Letras)

foi, ou não, um "elemento formador" dessa "coisa estável", precisamos indagar primeiro: a) o que é essa coisa estável? b) como se forma ela; isto é, num grupo humano quando começa a haver sociedade, e depois de haver sociedade, quando é que essa sociedade se torna uma coisa estável; c) para ser estável, que condições se exigem a um grupo social; d) dando à estabilidade do aludido grupo social, se ficará ele impedido de se expandir, de alargar a sua área de cultura, de transportar de um a outro ponto do território em função da conquista. O grupo social que se formou na casa grande, vindo da península, e se tornou outro grupo se afundou dentro da terra perdida a sua vocação social?

Essa "coisa estável" só haverá quando, porventura, for considerada, de modo a excluir o elemento indígena, "instabilidade", existente no Brasil à época da colonização, fazendo-se "tabula rasa" dos valores culturais com que esse elemento contribuiu, através da mestiçagem, para a formação da nova sociedade?

A bandeira será, ou não, um fenômeno social, pressupondo uma organização social que lhe dê origem, ou constituindo, porém, o instrumento específico dessa organização para o seu fim de vida econômica? Como se terá formado a sociedade do interior do país, senão pela expansão dos grupos móveis que se deslocaram do litoral, entre os quais a bandeira?

Antes de tudo, parece que há um erro de lógica em sua afirmação. Talvez uma confusão entre sociedade e ordem social e tenha levado a falar numa "coisa estável", como se não houvesse sociedades "instáveis" e o que é mais grave, como se as sociedades instáveis não fossem, às vezes, a origem das sociedades estáveis.

Faltaria, ali, ao menos, precisão filológica... Que vem a ser "coisa" em língua portuguesa? Em língua brasileira "coisa" é o tipo de substantivo indefinido, vago, pseudônimo de todas as ideias pouco claras... Assim, diríamos nós: "Pulano, passe essa coisa daí". No caso, essa coisa, tanto pode ser um chapéu quanto um ensaio do sr. José Osório de Oliveira. E "estável"? Que pretende ele por "estável"? Será o caso da sociedade que se fixou geograficamente, inacessível a qualquer deslocamento em sentido horizontal, com uma cultura fechada e estéril, sem possibilidade de se alargar e de alargar a sua área de vida? Ou querera o sr. Osório e não ao sr. Miguel Osório referir-se apenas às sociedades "estratificadas"?

Quando a coisa começa a ficar "estável"

Se há família, *De Play*, há sociedade. Mas há ainda o clan, que Osório não leva em consideração. No entanto, é esta mais *estável* do que a família, pois é "hurnwald" que a afirma, embora desapareçam os membros da família, o clan continua a existir. Não é outra a observação de Robert Lowie: "Unité élanque est non seulement plus vaste mais aussi plus stable" (trad. de Metraux p. 280).

Pois a bandeira é, na ordem da complexidade, alguma coisa superior ao clan e à família, — como adiante se verá.

Verdade que Numelin cita Shirokogoroff (não se assuste com José Osório) para quem as "migrações produzem, quase sempre, uma confusão nas instituições sociais". Mas obtempera: a verdade, porém, é que esta ausência de alta disciplina social e política ou de fronteiras fixas não caracteriza apenas os povos migratórios, senão também os povos primitivos em geral. Verdade, também, é que mesmo estes povos não são des-

pidos completamente de organização social.

Os laços de "unidade, por exemplo (Westermack) existem até nos povos de infima cultura.

Graças aos costumes, às empresas em comum (Vierkand), "appirant" a se soumettre et resterent grúps sur cette base". Em qualquer hipótese, não se pode "determiner s'il s'agit là" da inconsistência da organização social como a causa da migração? d'un condition ou seulement d'une cause accidentelle de leurs migrations?

Refere-se Numelin às migrações humanas em seu trabalho clássico. O caso da bandeira, contudo, embora às vezes confundido com "migração" ou "trasmigração", é muito diverso. Não se trata de um grupo migratório (e sobre este ponto remeto o sr. Osório à edição do meu livro, vol. II, pag. 158) mas da própria sociedade que se desloca — cidade em marcha, como lhe chamam os historiadores — com a sua organização, seus clãs, seu governo e suas leis, para um determinado fim comum. Não é uma sãcia volante, predatória, como querem uns; nem apenas uma associação de interesses, guiada por um sonho de riqueza, como admitem outros; nem uma sociedade civil ou mercantil organizada para consecução de certo objetivo; antes é uma população inteira que, guardando o seu estilo de vida, as suas leis, o seu governo próprio, e conduzindo as suas autoridades temporais e espirituais, sob a chefia única do cabo de tropa, depositário de "atribuições majestáticas" ou proclamador do seu "self-government" — é uma população inteira que, ia ru dizendo, se transporta do seu "habitat", de sua cidade e de sua área de jurisdição como um prolongamento de tudo isso e sem quebra do conjunto de suas tradições sociais.

Não há exagero, mesmo, em se dizer que a bandeira é um Estado rudimentar e vivo, exercendo um poder militar e governando, portanto, bem na cartolina, o velho Estado português. "A tous les hommes ont vécu, il y a toujours un Etat".

Prêmio de estabilidade

O conceito de José Osório sobre "coisa estável" parte, entretanto, do pressuposto da "casa grande". Quanto mais sólida e a construção de uma casa mais estável é a família que a habita. Não havendo pedras para a construção de casas grandes, a "coisa" deixa de ser "estável" e adeus. Não se pode, à luz do seu raciocínio, chegar a outra conclusão, pois a coisa estável, a que ele se refere, só existiu mesmo na área social das casas feitas de pedra e cal. Assim sendo, estabilidade social é sinônimo de estabilidade física dos membros da sociedade... Por isso, há uma sociedade originada na casa grande, estável; não há sociedade bandeirante, porque o bandeirante não foi estável. A dinâmica social, a "cultural change", a "social mobility" de Sorokin não existem, para ele. Os fenômenos de migração territorial, de mudança de separação e de concentração de indivíduos, que constituem um admirável capítulo da sociologia moderna, não foram sequer suspeitados pelo autor de tão estranha definição. Os processos dinâmicos na mobilidade social dos traços culturais e dos indivíduos são coisas maravilhosas com as quais um Sorokin, um Pareto, um Lowie se divertiram, nas suas teorias. Segundo o meu brilhante adversário, para um grupo humano ser sociedade é preciso multilateral-se primeiro na casa grande e, depois de alguns anos de sedentarismo agrícola, tirar patente de "coisa estável". Tenho muitas dúvidas a respeito dessa lógica, para a qual a sociedade só existe quando enquadrada no compartimento

estranho da estabilidade física, com sangue de negro e óleo de baleia nos alçerces.

O prêmio da estabilidade

Há valores sociais que são estáveis, ninguém o nega — e são os que explicam, no domínio da antropologia cultural, a formação da própria sociedade. A sociedade, estritamente, não se caracteriza por ser uma "coisa estável" mas porque a sua estabilidade — frute-se, ou não, de uma sociedade bandeirante ou litorânea — se estrutura nessas "valores estáveis" que a acompanham para onde quer que ela se transporte. Se assim não fosse, o português sedentário teria, realmente, tirado o prêmio da estabilidade, num concurso de "caranguejar pela orla das praias"; e a sociedade aborígene, análoga por excelência, ou não seria mais sociedade, ou se fosse, tiraria o prêmio de péssimo comportamento na escola de José Osório. O que há de estável, numa sociedade, não é o fato de estar, ela metida numa casa grande, fazendo café ou deitada na rede; são, pois, os valores culturais, que acompanham a sociedade e lhe dão consistência, não lhe permitindo dissolver-se quando em contato com outras formas sociais ou em luta com o meio físico e ético em que, porventura, essa sociedade vai ter. Em razão do seu objetivo. Sempre ouvi dizer que a propriedade imobiliária influi nos tipos de organização social (pois há quem explique a tendência aristocrática pelos valores imobiliários); o que ainda não ouvi dizer é que a propriedade imobiliária, latifundiária e escravocrata, não é uma "coisa estável" para que a sociedade exista. É preciso acabar, de vez, com o preconceito da estabilidade como sinônimo de imobilidade.

A bandeira e a casa grande

O que há são estagios culturais da sociedade e o sr. Osório de Oliveira toma a nuvem por Juro. A história das sociedades primitivas, em grande parte, ficaria excusada do seu conceito e isto nós demonstramos o quanto esse conceito é falso. Como faz-se já seria um conceito que definisse sociedade sem se lembrar de que, num mesmo grupo humano (e o nosso caso) "poderia coexistir todas as ideias do mundo social". A "sociedade bandeirante", por certo, se nutre dos processos culturais primitivos e, embora sem ser migratória, acarreta as migrações de povos toda vez que a notícia de um novo descoberto vem dizer ao litoral "que há ouro na terra". Contudo, se para as migrações dos povos primitivos uma causa (não se dirá uma condição) pode ser a falta de organização social, para a bandeira, que não se confunde com aquelas, o que se dá é exatamente o contrário: o que a determina é a organização social existente no planalto e fundada, não na grande economia latifundiária, ou sedentária, mas num sistema de vida caracterizado pela pequena propriedade e pelo nenhum valor desta (num entre valla mais do que uma casa, provam-no os inventários); o que lhe dá origem é a própria sociedade, seduzida pelo fascínio dos mitos de ouro do sol da Terra, o Botucatuvará, a montanha de ouro, o Itaberabará, resplandecente! se desloca — com o seu sistema de vida e tudo, para as grandes jornadas continentais. Para essa formidável transmigração social, contribuíram, sem dúvida, certas qualidades "adquiridas ao selvagem", ao homem primitivo "nigratorius", as tribus nômades com as quais a sociedade bandeirante vive em franca camaradagem. Na sua capacidade de "regressão ao primitivo" muito bandeirante chega a ser chefe de tribu. Mas o fenômeno é específico e só

um louco poderia confundir uma bandeira com uma tribu. Há momentos em que o planalto fica deserto "por os moradores serem idos ao sertão". A própria câmara passa meses e meses sem funcionar por haverem os seus membros tomado parte nesta ou naquela bandeira. Se assim é, a bandeira é a própria sociedade que se desloca, multicolor, unânime, para a sua atividade constante e característica.

E como negar à bandeira o caráter social de que ela própria é a melhor representação, a geometria, a técnica de expressão coletiva, a marca de origem? Tão entusiasmada ficava ela com o sistema social do planalto que havia os "bandeirantes de retaguarda", aqueles que forneciam aviaamentos (o padre Pompeu de Almeida não era o banqueiro do bandeirismo?) para as levas expedicionárias. A população — quando não a para o sertão misterioso, ficava trabalhando em suas lavouras, preparando mantimentos para os que partiam e ligando o futuro da pequena sociedade planaltina ao êxito ou ao fracasso das bandeiras compostas das principais famílias e, portanto, socialmente solidárias com a organização econômica e política do altiplano. Assim como a casa grande era o centro, a representação, o sistema de vida da sociedade do nordeste, a bandeira vinha a ser o instrumento, a representação e a técnica de outro sistema de vida, que era o do planalto.

A casa grande é o instrumento de uma sociedade "em repouso"; a bandeira é o instrumento de uma sociedade inquieta, vigilante.

A verdadeira "coisa estável"

Em síntese: ninguém nega a relação existente entre o nomadismo e a organização social. Portanto, ninguém nega que haja maior consistência social nas sociedades "estáveis". O elemento, porém, para se ajuizar da estabilidade não é o nomadismo, nem o sedentarismo — que ambos podem coincidir com estagios de cultura inferiores e primitivos; isto é, com formas rudimentares de organização social. O elemento para se ajuizar dessa estabilidade é alguma coisa mais complexa: é a soma de interesses, de solidariedade social, a multiplicação dos fatos que constituem a vida civil, o comportamento político do grupo já evoluído para formas superiores de convivência humana. Realizada esta condição (condição que não se pode recusar ao grupo bandeirante), o certo é que a mais desenvolvida imobilidade não desafia essa "coisa estável que é uma sociedade". Antes, a condição, para que uma sociedade se torne estável e, muitas vezes, a sua própria mobilidade horizontal e vertical; é esta forma de afirmar a sua especialização psicológica para o movimento, de enriquecer o seu espírito de iniciativa, de transformar a dinâmica social numa espécie de comportamento pragmático, de se expandir territorialmente, de crescer para dentro de suas fronteiras (como no caso do Brasil, onde se descobre a "moving frontier" de Turner e de Normano). Estabilidade, em suma, não quer dizer imobilidade física. Mobilidade, por sua vez, não quer dizer instabilidade de todo preço. Nem mesmo instabilidade quer dizer completa ausência de organização social.

E' isto, pelo menos, o que me ensinaram todos os livros de sociologia elementar.

Quem criou o ruralismo

Trata-se, pois, de uma sociedade que emigra, que invade, que coloniza, que se desloca em busca da riqueza.

Deslocando-se, a bandeira abre caminho em todas as direções. Estes caminhos, mais do que as casas grandes, é que cria-

ram a sociedade brasileira, o ruralismo. Não foi, sem razão, que Demóclis, quando escreveu "Comment la route crée le type social", disse: la cause première et décisive de la diversité des peuples et des races est la route que a été suivie par les peuples. C'est la route qui a créé la race et le type social". Não é coisa que se possa — diz o representante da escola geográfica — julgar indiferente para um povo o caminho que ele seguiu. Inconscientemente e fatalmente esses caminhos fizeram o das estepes asiáticas, o da Sibéria, o das savanas americanas, o das florestas africanas, o tipo tartaro-mongol, os esquimós, os pele-verme das Américas, os negros, o tipo escandinavo, o anglo-saxão, o francês, o alemão, o grego, o italiano, o espanhol, são também o resultado dos caminhos pelos quais os seus ancestrais passaram antes do "habitat" atual. Modifique-se um desses caminhos (são paisagens de Demóclis) e estarão modificados o "tipo social" e a raça. Posto de parte o exagero desse determinismo, a verdade é que o nosso Capistrano já dizia: "a história da sociedade brasileira é a história dos seus caminhos". É o caminho do mar, também chamado o caminho do padre José, ou o "mais ilustre dos velhos caminhos do Brasil", aquele caminho mais segregado do que aproximado, de que nos fala Paulo Prado, é um verdadeiro capítulo de nossa história social. Ora, a história da casa grande é a do horror aos caminhos... Leia-se, sobre isto, o "Engenheiro francês no Brasil".

No planalto, até fins do século XVIII, não havia pedras; mas havia estradas em todas as direções.

Pois no nordeste — quem o diz é Gilberto — nada havia, até 1834, que merecesse o nome de estrada (mas havia pedras a valer). O clamor da Vauhier, mostrando a necessidade de bons caminhos, resultava inútil, porque a estrada viria concorrer poderosamente para desprestigiar a economia privada, patriarcal e escravocrata. Aqueles engenhos feudais (p. 180) "so aos poucos seriam conquistados pelas estradas".

O conceito dinâmico da sociedade

O pior é que Gilberto Freyre não pensa nem poderia pensar como o sr. José Osório.

Estudioso lúcido dos problemas da antropologia cultural, Gilberto sabe que o conceito da sociedade é essencialmente dinâmico. E que é desse "dinamismo cultural" que se nutre a história. O que é, aliás, "Casa Grande & Senzala" senão uma honesta investigação no sentido de ser evidenciada a permanência, no estilo de vida cultural do Brasil de hoje, de valores culturais gerados pela economia escravocrata e latifundiária do Nordeste? Cultura, porém, não quer dizer outra coisa senão o complexo dos valores — usos, costumes, estilo de vida — gerados, em parte, pela subestrutura material da sociedade. Robert Lowie diria, ao frisar que todo ser humano possui uma herança social, que cultura (citando Tylor) compreende as aptidões e os hábitos adquiridos pelo homem como membro de uma sociedade, em oposição a numerosos caracteres adquiridos diferentemente, em particular pela herança biológica. Nesse sentido, não é possível confundir "permanência histórica de valores culturais" com estabilidade.

(Continua na pág. seguinte)

"ESSA COISA ESTAVEL, QUE É UMA SOCIEDADE" ...

(Replaca ao escritor português José de Oliveira)

(Continuação da pág. anterior)

de física, geográfica dos grupos sociais. Pode haver sociedade, no sentido antropológico, sem essa estabilidade geográfica. Um exemplo: a sociedade judaica, cujo nomadismo não alterou sua cultura, ao longo de milênios. E tanto que um sociólogo da autoridade de Sokolowsky chega a dizer que a sociedade judaica é um tipo perfeito e único de Estado. O "nomadismo" bandeirante foi um senecismo de valores culturais, do mesmo modo que o foi a estabilidade patriarcal do senhor de engenho. Apenas este teve a seu favor uma espécie de auxílio oficial da cultura do colonizador. O bandeirante, que não foi um agente dessa cultura, pois o próprio sertão o deformava, logicamente, semeou outros valores culturais. Valores talvez menos pacientemente lidos, por isso mais trabalhados pela terra — mesmo porque o costume de bandeirante já era indígena. Nem é exato que esta "instabilidade física" tenha sido tão rigorosa, como quer José Osório. A "marcha para oeste" demonstra, no chamado nomadismo bandeirante, a existência de nitidas constantes culturais. Tão nitidas e constantes como os valores considerados estáveis da casa grande. Foram essas constantes culturais que informaram a história do planalto e, evidentemente, a história do Brasil — ao longo do tempo. Não é possível, aliás, falar, no tempo colonial, de uma sociedade, mas de grupos sociais. Foram os valores culturais criados por esses grupos, uns mais lidos, como os da casa grande, outros mais socialmente dinâmicos e ajustados à terra, como os bandeirantes, que trabalharam pela unidade nacional, que é o sentido vivo de nossa história. Se a história, como quer a escola antropológica, que Gilberto segue, é sobretudo um produto da cultura; se esta é constituída de valores que são marcados sobretudo pelo "dynamic cultural change" (Dixon, *Economic and cultural change*, New York, 1938, Intr.) como é possível confundir esta "change" — processo social vivo — com a cadeia de balanço dos que acreditam em "coisa estavel"? O bandeirante foi, evidentemente, um excitador dessa "cultural change", e bem mais interessante do que o senhor de engenho preocupado em soterrar negros nos alicerces da casa grande para se dar uma impressão de maior estabilidade. Não pode haver bandeirante sem a sociedade bandeirante, original, que Osório não procurou conhecer.

A contribuição lusa

Nessa sociedade, a cooperação lusa é inevitável; mas o português, "pé de boi", nutrido pelo leite de uma civilização estabilizada sobre base agrícola, só cooperou em certo sentido, e talvez através de virtudes que, bem pensando, são mais negativas do que positivas. Terá sido, por exemplo, o seu idealismo sentimental que "temperou" a crueldade da conquista e de tal modo que o bandeirante foi o menos cruel dos conquistadores. Por certo, o espanhol colaborou muito mais, do ponto de vista psico-social. Com o seu "amor ao fabuloso", com a sua "patética do único", sente-se que o bandeirante é muito mais descendente de espanhol do que do português. É o caso do "quixotismo", em oposição ao misticismo da alma lusa. O fenômeno bandeirante tem muito mais de mitológico do que de místico. Osório cita o caso das estrofas lusitanas, no verso de um testamento bandeirante, para concluir que a bandeira é uma continuação da cultura portuguesa... Esqueceu-se de que as "Novelas exemplares" de Cervantes eram

a leitura predileta de outro furacão renitente. Não quero deter-me neste ponto, já suficientemente estudado em outro ensaio. O "bandeirismo" e o elemento espanhol do planalto, para o qual pediria a atenção do sr. José Osório. Friso apenas a circunstância — já notada por Vicente Licínio Cardoso — de toda a documentação referente ao fenômeno bandeirante constar do arquivo de Sevilha, pois os arquivos portugueses estão vastos dela, em tal sentido; o que confirma a observação de Taunay, registando a "efusão notabilíssima" do sangue castelhano na sociedade bandeirante. De onde vieram os Anhangueiros e os Camargos? E André de Zúñiga, o companheiro de Pascoal Moreira? E Martin Tenório de Aguiar, o da luta contra os canibais?

Coisa estavel e coisa movel

A coisa estavel do sr. Osório oponho, enfim, esta coisa movel que é a sociedade bandeirante marchando para as fronteiras ocidentais — em sentido espacial — e vindo da família planaltina, com passagem pelo cian sertanista, pela bandeira propriamente dita, até aos nossos dias, em marcha pelo tempo, como uma herança social cada vez mais intensa, no sentido pioneiro da civilização que retoma o fio histórico e vai tornar efetiva a posse das terras que pedem (no dizer de Normanno), bandeirantes equipados de nova técnica para as fecundar e incorporar ao ritmo social e econômico do país. Na sua origem, são claros os valores culturais e psico-sociais que a identificam, apurados na luta contra as tribus e postos à prova nas duras contingências, aliadas pelos documentos, daqueles instantes em que o chefe da bandeira "não tinha outra bússola senão o cabeça dos montes", nem outros guias senão o sol e as estrelas, nem outra água para lhes matar a sede "senão a que o céu e os seus próprios olhos vertiam".

A mobilidade lusa trazia o relaxamento social e moral?

Ao contrário, a bandeira era uma escola áspera de coragem e de solidariedade social. Em luta constante, apuravam-se os vínculos de sua blindagem moral. Admirável estabilidade moral e de quem, em pleno sertão, dissolvido pelo mundo fantasmagórico do selvagem, não se deixou vencer pelo infortúnio, só se deixando vencer pelo extermínio. Porém, mais admirável estabilidade a do grupo que não se deixou romper na enquadramento de suas tradições sociais mesmo em contacto com as facilidades morais que o sertão lhe autorizava ou que o ouro lhe punha nas mãos. É — se o superlativo não assustar o sr. Osório — admirabilíssima a estabilidade do caráter bandeirante quando desafiava a metrópole: "el rey pode perder a esperança de ser rei dos paulistas"; "as autoridades que v. m. não manda só cuidam de nos afrontar e esfoliar"; ou ainda: "os elementos de que se compõe minha bandeira não estão matriculados nos livros de v. majestade!"

E isto não é fábula

Por todas as incompreensões que os bandeirantes têm sofrido (as quais se junta agora a de José Osório) é que tentei, embora sem brilho nem profundidade, subtrair-lhes à sua roupagem heróica e mitológica para simplificar-lhes com um pouco mais de ternura ou com um simples, rápido mergulho no quotidiano das ações praticadas pelo bom senso. Homens extra-lógicos era preciso trazê-los ao "chão curto da lógica". Homens gigantescos, era preciso acomodá-los no plano em que os

heróis se tornam chefes de família, passavam pela ruína, tomam o bonde, fazem compras, andam de automóvel, viajam de aeroplano, vestem-se de acordo com os figurinos ingleses e dizem bobagens sobre a guerra. Homens fabulosos, "caminhando quatrocentas léguas sem nenhum estorvo", era preciso trazê-los ao convívio de seus descendentes, que não caminham meia légua sem se cansar; isto é, era preciso provar que eles não seriam fabulosos por terem sido criados pela imaginação de algum fabulista amável, mas — ao contrário — por não poderem ser compreendidos senão à custa dos "inferenciais mytha" de um Squire ou de um Saint-Hilaire. Pois não eram eles próprios que preveniam os escritores do futuro, quando diziam: nós vamos a pé do planalto de Piratininga ao Peru, e isto não é fábula?

Como é conveniente, nesta época de propaganda e cabotismo, saber que homens como aqueles, contando que atravésariam o continente a pé, pediam desculpas à posteridade ao dizer — e isto não é fábula — porque é um ato normal, quotidiano praticado com facilidade e sem nenhum intuito de demonstração.

"Perversão patriótica"

Neste ponto, estaria eu ainda obrigado a desmentir certos bebedeíros que costumam tudo reduzir a uma questão de datas e roteiros. Mais do que isso, cabia-me uma outra iniciativa — a de defender o nosso passado heroico contra alguns historiadores para os quais não temos uma substância mítica — para explicar porque não temos uma poesia épica — e contra o mau verso de alguns outros que, hoje em dia, chamam de perversão patriótica ao sentimento nacional que se move diante dos construtores da nossa silhueta geográfica e americana. Eram canibais aqueles vultos de legenda? Para vencer o sertão, a fera o espanhol, o português (que ficou caranguejando e dizendo que era crime a entrada) o palagá canoelero, o guaicurú cavaleiro e o carijó carniceiro, tinham eles que se matricular na escola dos pacifistas angélicos, ou na dos gigantes que nasceram da ferida de Omanos ou caíram sob a durindal de Rolando? Só uma inversão da lógica a serviço de maus sentimentos poderia responder pela primeira hipótese. Para vencer o "sertão mais inviolado do mundo" parece que as liras de adormecer monstros teriam que falhar. Subir o rio de cinquenta cachoeiras, dar com os costados no outro lado do continente, ir parar nas cabeceiras do Tocantins e do grão Pará, debelar os bárbaros do Reconavo, combater os piratas e invasores do nosso território, morrer de inanição (roendo um sabugo de milho ou chorando para beber a água que os seus próprios olhos vertiam) retornar ao bárbaro para poder mergulhar no espetáculo cósmico, caminhar guiado apenas pelas estrelas e pelo cabeça dos montes — tudo isto sem recursos técnicos de nenhuma espécie — parece que não são coisas que se pratiquem em branca nuvem. Anhanguera "não tinha, para vencer a serra dos Martirios, o anel de Fatner". Raposo não possuía, para atravessar o continente a pé, o fio de ouro de Arlana. Borba Gato não sonhava sequer que, na mitologia grega, ou nas histórias para crianças, ou mesmo na matalotagem de Fawcett, poderia existir uma "planta mágica" que conduz os aventureiros ao lugar soñado. Paschoal Moreira, quando sustentava as suas batalhas fluviais contra os palagáus, os terríveis "vagabundos da água" ou virava e remexia o sertão "nunca trilhado por gente alguma desde o dilúvio universal", não aseptava que, passados três séculos, o explo-

rador inglês se perderia na selva atrás de uma tribo de olhos azuis. E o que é mais sério — nenhum desses heróis cismava, ao menos, com um voo de aeroplano para vencer distâncias ou com um trem de ferro que os levasse à Bolívia. Um deles expulsou os jesuítas. E' verdade; mas outro deles não os reconheceu no planalto? Outro deles caçou índio. E' verdade; mas ainda muitos outros trouxeram o índio, amorosamente, pelo caminho da paz. Pois não é este o caso de Fernão Dias Pais — o conquistador pacífico do Tombó, do Gravatá e do Sombá? O ciclo da caça ao bugre (alega-se) desfilava à lástima dos que faziam um ou mais da tropa caçar com as filhas dos caciques. Não é exato: nem o bandeirismo se resume no ciclo da caça ao índio, nem a caça ao índio foi expediente de que só houvessem lançado mão os bandeirantes. Os espanhóis caçaram mais: a conquista do Peru e a do México, que o digam. E enquanto um Pizarro empregava a sua cavalaria contra os indígenas, os indígenas é que empregavam a sua cavalaria contra os bandeirantes, na conquista do oeste.

O tabú da casa grande

O sr. José Osório de Oliveira faz da estabilidade patriarcal um tabú e tudo quer explicar pela casa grande. Para ele (veja o costume) a bandeira é instável e pronto; não pode ter influência na formação da sociedade brasileira. Esquece-se de que a bandeira era a própria sociedade em marcha para o "hinterland". No mínimo, seria o instrumento, a técnica de expressão de uma sociedade, como a do planalto, criada bandeiramente, em virtude de sua atividade econômica, "constante e específica" — visto como as outras atividades, a da criação, a da lavoura, sendo-lhe acessórios, a bem dizer, seriam condições para a principal: a policultura, porque explica os homens bem nutridos que compunham essa sociedade; e a pequena propriedade — o pequeno compromisso à ideia de valor imobiliário e imobilizante — porque explica a facilidade

de movimento de que o bandeirante precisava para as suas grandes "performances" horizontais. Quando nada disto ocorresse, o bandeirante abria caminhos em todas as direções, mobilizava valores culturais e constituía um tipo social, o do desbravador, que até hoje existe, e que não poderá ter deixado de influir poderosamente na formação social do Brasil, pois escreveu um dos seus mais belos capítulos — o do ruralismo.

A sociedade bandeirante não só existiu como continua a existir, pois é a que se encontra, ainda hoje, nas "zonas pioneiras" de Monbég. Como negar, enfim, a existência de uma sociedade bandeirante? O próprio Gilberto não a negou; ao contrário, admitiu-a como existente até mesmo em torno das minas... Se restringirmos à área da casa grande a formação social do Brasil, três quartos da sociedade brasileira ficarão sem explicação, a começar pela sociedade agro-pastoril do nordeste. A sociedade tipo casa grande é, pois, um trecho de nossa paisagem social.

Não é possível, portanto — como quer José Osório de Oliveira — explicar só por ela a formação de toda a sociedade brasileira.

O mundo que o bandeirante criou

A mandar socar negros na alicerces das paredes da casa grande, para que esta se tornasse mais estável, preferiu o bandeirante aproveitar o índio na sua especialização psicopática para o movimento, tornando o tupi o seu companheiro, o coautor do bandeirismo — de que já havia sido o precursor quando desceram das araxás bolívias na conquista do "país das palmeiras" ou da "terra onde não se morria".

Por que?

Para que todas as consequências de sua portentosa marcha se resumissem no chão que nos alimenta e no céu que nos matada, todas as noites, seu "abraço de estrelas". O Brasil, triplicado na sua grandeza territorial: eis o mundo que o bandeirante criou.

PROCURA DA AMADA PERDIDA

Onde encontrá-la, agora, no silêncio e na perdição desta noite?

Ela disse-me que viria, para caminharmos sob as estrelas, até à região das lagunas encantadas. Mas há muito a esperar e não a encontro nunca.

Onde hei-de procurá-la?

Não ousarei seguir para aquele lado, de onde ouço vir um sussurro dolente: é o lado do cemitério. Ali repousam os mortos, e as únicas figuras que vemos são figuras fantásticas, que apenas falam de amarguras e de pavoros.

Sigamos, então, pelo outro lado:

talvez a descubramos quando correr ao nosso encontro o cão mágico, quando os trens pararem na encruzilhada silenciosa, quando descer do céu aquela noite tremenda, a mais escura das noites, a noite em que vão desaparecer todos os caminhos, a noite em que não haverá no céu a luz de uma única estrela, para nos guiar na escalada daquela terrível e prodigiosa torre, que sabemos que vamos achar.

MUCIO L. L. A. O

A VIDA, O AMOR E A MORTE (A primeira "Elegia de Duino" de Rainer Maria Rilke)

Artigo e tradução de
Vinicius de Moraes

Rainer Maria Rilke foi para mim o ser mais poético que já nasceu de uma mulher. Ninguém como ele viveu tanto em Poesia, abandonando-se mais fundamentalmente — náufrago irremediável à ovidez de suas águas onde o esperava a grande consecução.

Nunca vida humana fechou-se tão misteriosamente sobre uma mística. Rilke passou como aquele "noyé pensif" a descer os "azues verdes" do céu e dos rios que a visão de Rimbaud confundiu no seu célebre poema. Rilke viveu em transe poético constante, amargurando seu espírito contra todas as temas da Vida, do Amor e da Morte, que piedosamente amou como um único ser.

Sua simplicidade como poeta nasce dessa longa tortura lírica de ver a morte como um amadurecimento da vida, numa total compensação. Rilke acreditava que a morte nasce com o homem, que ele a traz em si tal uma semente que brota, faz-se árvore, floresce e frutifica ao se despojar do seu alburno humano. Seus poemas maiores vencem lentamente todos esses "graus do terrível", num crescimento espontâneo para a grande florada de onde penderão os melhores frutos, desejosos da renovação na terra.

Em 1910 Rilke terminava os seus famosos "Cadernos de Malte Laurids Brigg", onde continua, com uma beleza raras vezes alcançada em prosa, a história elegiaca da destruição de um ser votado à fatalidade irremediável da magia. Porque é magia, mais que angústia, a que colthemos desta narrativa, a magia da malentendido humano, o solilóquio desolador do homem desajustado à vida. A qualidade do sofrimento que lhe vem dessa torturante criação como lhe afina mais a sensibilidade já de si tão aguçada para todos os sussurros da Poesia. O poeta pena como pena um momento o Cristo, da coexistência íntima da dúvida e da certeza, enquanto vagueia, enfraquecido da doença, pelos lugares que mais amara Europa, Paris, a Rússia, os países escandinavos, intermitentemente.

Em fins de 1911, instado pelos príncipes de Taur e Taxis, Rilke vai passar sozinho o inverno no Castelo de Duino. Um belo dia de janeiro, passeando às bordas de um penhasco, sobre o Adriático, conta-se, trouxe-lhe o vento o mistério de uma voz onde distinguia dizerem: "Quem, se eu gritasse, me ouviria em meio às ordenações dos anjos?" Eriçado, e ao mesmo tempo atônito com o milagre dessas palavras que lhe surgiam como a própria poesia desejada, o poeta as anotou, e, nessa mesma tarde, escrevia o primeiro grande raciocínio desse bloco sinfônico que chamou de "Elegias de Duino". Tão temperados se achavam nele todos os motivos da obra em perspectiva que em poucos dias escrevia a segunda da série e a princípio de todas as outras. Mas o impulso cessou. Por dez anos Rilke calou-se, à espera de que, nele, as palavras encontrassem seu lugar no grande "puzzle" poético que se desencadeava. Em Paris, na Espanha e em Munich acrescentou fragmentos a algumas, sofrendo terrivelmente da descontinuidade com que a poesia se revelava. E não seria senão depois da primeira grande guerra, na seu refúgio da Suíça, em Muzot, que, num sopro de criação poucas vezes igualado, só comparável talvez a certos instantes de música na vida de Beethoven, escreveria em três semanas as oito elegias restantes, as cinquenta e cinco "Sonetos a Orfeu" e vários outros poemas a que chamou "Fragmentarishes". Fora o último espasmo de vida nesse eterno, sereno moribundo. A morte, sua amiga, desobietivava-o poucos anos depois, como "um rio que leva". Rilke recusou o médico: "queria morrer a sua morte".

Em verdade, só mesmo o amor que devoto à imagem do poeta e à importância que sua obra teve para mim deram-me coragem e astúcia para tentar essa tradução. Recobi mais do que poderia dizer dessa "Primeira Elegia", desse primeiro verso, da profunda, impenetrável obscuridade que a infiltra toda. Confesso não compreendê-la inteiramente, nem o quereria. Conheço todas as interpretações publicadas, tentei eu própria a minha interpretação, mas nada disso acrescentou nada à inexprimível sensação que a sua primeira leitura deixou em mim. Pode-se dizer, de um modo vago, que nela residem, em potência, todos os temas essenciais do movimento que se prolonga através as nove seguintes: as idéias da unidade da vida e da morte; de que a morte é uma consumação da vida; o sentimento da beleza dos que morrem jovens, quando a morte se realiza

ainda imatura; e os princípios de sua poética em repetição, que irão se desenvolvendo e solucionando progressivamente, quase sempre numa constante de lamentações e louvores, à maneira de "adágios" e "prestos", às vezes como vozes que se harmonizam, Absurdo explicar. E' preciso sentir.

Não sei alemão. Li as "Elegias de Duino" em tradução francesa e inglesa; francesa, de Lou André Salomé, J. F. Angeloz e Maurice Betz, esse sem dúvida o melhor tradutor de Rilke, e em inglês, de E. e V. Sackville West. O que me fortificou a idéia de traduzir a "Primeira" foi, não apenas a semelhança dos textos nessas traduções, o que é óbvio, mas o prestígio verbal da poesia, que se conservava em todas elas, mesmo na de Angeloz que é francamente ruim, árida, sem nenhuma liberdade, como vim a verificar mais tarde, da compreensão do texto alemão que me foi fornecido pelo senso poético de Gertrude Bühler e Sergio Buarque de Holanda, esses amigos que, com uma paciência admirável, perderam cada uma uma noite comigo, verificando o sentido exato de cada palavra do alemão e me ajudando a ajustá-las na tradução que espontaneamente fiz, na Inglaterra, e quase da cor, devo dizer, com a leitura das "plaquettes" de L. A. Salomé e Angeloz. Quero também agradecer o Alceu Amoroso Lima o seu excelente conselho em relação a duas ou três passagens obscuras e a presteza com que me confiou o precioso e raro volume em alemão das "Gesammelte Werke", onde se encontra a Elegia. Tenho a certeza de estar levando ao público do Brasil qualquer coisa de instantâneo e eterno em Poesia.

A PRIMEIRA ELEGIA

Quem, se eu gritasse, me ouviria em meio às
[ordenações
dos anjos? e mesmo se um deles, de repente,
me chamasse ao seu coração: eu me apogaria
[face à sua
presença mais forte. Porque o belo nada é,
senão o começo do terrível, que estamos apenas
[suportando
e se assim admiramos, é que impossível,
desdenha de nos destruir. Todo anjo é terrível.
Hei-de reter-me pois, e hei-de conter em mim
o opelo de uma triste solução. Ah, a quem então
nos é dado recorrer? Nem aos anjos, nem aos
[homens,
e os animais sagazes, já desconfiam por instinto
que não nos podemos sentir em intimidade
no mundo interpretado. Resta-nos talvez
uma árvore qualquer a rever cada dia,
sobre a encosta; resta-nos a estrada de ontem
e fidelidade infantil a algum costume
que em nós se aprovou e assim ficou e não partiu
Oh, e a noite, a noite, quando o vento cheio de
[ruído do mundo,
nos consome a face —, para quem não seria a
[desejada
um suave desencanto, que ante o coração sazinho
se ergue penosamente. E' ela mais amável aos
[amantes?
Ah, esses só fazem se enganar mutuamente a
[própria sorte,
Não o sabes, ainda? Lança o vazio de teus braços
aos espaços respiráveis; talvez que os pássaros
Sintam num vôo mais íntimo a ar mais amplo.

* *

Sim, quiseram-te as primaveras; muitas estrelas
viveram para que as descobrisses. Do passado
cresceu a onda; ou bem ao cruzares
uma janela aberta, um violino se entregou a ti.
[Tudo isso era missão.

Mas lhe estivesse à altura? Não andaste sempre
[perdido

à espera, como se tudo te anunciasse
uma visão amada? (E onde a queres abrigar,
agora que grandes e estranhos pensamentos
veem e vão em ti e às vezes se deixam, à noite).
Mas se sentes saudade, canta os amantes; bem
[longe

da plena imortalidade está seu decantado sen-
[timento.

Canta, a esses abandonadas que quase invejas
[e que

te parecem tão melhores que os aquietados.
[Recomeça

sempre a tua incessável louvação;

pensa: o herói persiste, o próprio fim foi nele
um pretexto para ser: seu derradeiro nascimento.
Mas aos amantes, retoma-ás ainda a natureza
esgotada, como se as forças que os realizaram
não se pudessem reproduzir. Já pensaste bem em
[Gospara Stampa

essa amante, em cujo exemplo exaltado se
[encontra
toda a jovem que o amado abandonou: se eu
[fosse como ela?

essas penas mais antigas, enfim, não deveriam ser
fecundas para nós? Não é chegada o tempo
em que nós, amantes, nos livremos, vibrando, das
[amadas

como vibra a flecha ao deixar a corda para ultra-
[passar-se
na tensão do ímpeto. Porque não há repouso em
[nada.

* * *

Vozes, vozes! Ouve, meu coração, como são os
[santos

ouviram: eles, que o apelo imenso
ergueu do chão; e eles, sobrehumanos
prosseguiram ajoelhados, sem atender a nada:
pois era como ouviam. Não que tu pudessem
[suportar

a voz de Deus, nem de longe... Mas ouve o
[sopro,
a incessante mensagem que nasce do silêncio.
Agora, daqueles que jovens morreram, sob um
[murmúrio aos teus ouvidos.

Não importa onde entrasses, nas igrejas
de Roma e de Nápoles, não te falou, sereno, o
[seu destino?

Ou uma inscrição se impunha, majestosa,
como há pouca, naquela lousa em Santa Maria
[Formosa.

Que me querem eles? Delicadamente
preciso desfazer a impressão de erro que muitas
[vezes
perturba um pouco o movimento puro de suas
[almas.

* * *

Bem certo deve ser estranho não habitar mais o
[terra,
não recorrer mais a hábitos apenas adquiridos,
não mais dar às rosas e às promessas de outros
[coisas

a significação de um futuro humano;
estranho não se ser mais o que se foi no infinito
[cuidado

das mãos, e abandonar até o próprio nome
como um pobre brincadeira jogada.
Estranho não mais desejar desejos. Estranho
ver tudo o que foi logo, no espaço flutuar
desfeito. Coisa difícil é estar morto
e cheia de ressurreições, pois que há sempre para
[nós

um prenúncio de eternidade. — Mas os vivos
cometem, todos, o erro de tudo distinguir.
Os anjos (diz-se) muitas vezes ignoram se ca-
[minham

entre os vivos ou os mortos. O eterno rio
carrega sempre através os dois reinos todas as
[idades

e em ambos a que domina é a sua voz.

* * *

Afinal eles não precisam de nós, os cedo trans-
[portados,
suavemente nos libertamos das coisas terrenas
[como
o ser se desapega do seio materno. Mas nós que
[precisamos

de tão grandes segredos, dos quais, em luto
nascem tantas vezes vitórias tão abençoadas:
[podemos acaso viver sem eles?

E' vã a lenda de que outrora, lamentando Linos
a primeira música ausou penetrar a esteril rigidez
da matéria inerte? e que então, no espaço em
[sobressalto que um adolescente quase divino,
de súbito deixou para sempre, o vazio penetrar
naquelas ondulações que são para nós arrebatam-
[mento e consolo e socorro.

OXFORD, 1939

O "INTERMEZZO",

53

Rodrigo Octavio

Os homens com crueldade
Me tem causado aflição...
Alguns, por muita amizade,
Outros, por muita aversão.

Duplicaram minha idade,
Envelheceram-me o pão...
Alguns, por muita amizade,
Outros, por muita aversão...
Mas essa cuja saudade
Me atormenta o coração,
Nunca me teve amizade,
Nunca me teve aversão...

54

Artur Azevedo

Nas tuas faces, criança,
Reside o cáldio estio,
E encontrou o inverno frio
No teu peito habitação.
Um dia haverá mudança,
Meu anjo formoso e tenro
Teras nas faces o inverno
E o estio no coração.

55

Gonçalves Crespo

No momento do adeus sucede que os amantes
Se abraçam, a chorar, com vozes soluçantes.
Fôlego, e força partir; a mão prende-se à mão,
E uma infinta tristeza inunda o coração.

Para nós, meu amor, nessa hora de agonia
Não houve o parecer que as almas exorciza;
Foi grave o nesso adeus e frio, e só agora
É que a Dor nos subjuga, e a Angústia nos devora.

56

Gonçalves Crespo

Rir, tomando chéi em torno à mesa,
Da sociedade a flor:
E no campo de estéticas opostas
Discutia-se o amor.

Este clichê re-
presenta a página
de fundo da pla-
quette de H. Kau-
tich sobre H. Hei-
ne, intitulada —
"Deinhos gran-
das dores, ou to-
cos pequenos pre-
mas".



"O amor deve ser eterno e puro",
O conselheiro diz,
Sorriando, a conselheira um ar abafa
Com gestos de infelicidade.

Diz o cônego: "O amor destrói, mas quando
Sensual já se vê!"
A donzela pergunta ingenuamente:
"Reverendo, por que?"

A condessa murmura em voz dolente:
"O amor é uma paixão"
E languida uma chavina oferece
Ao páldio beirão.

Era vago um lugar em torno à mesa:
Era o teu, minha flor!
Tu, só tu, poderias, se o quisesse,
Dizer o que era o amor!

57

Francisca Julia da Silva

Meus cantos, cujo treno
Minh'alma escuta anagurada e triste,

São repassados de letal veneno:
De outra forma não pode ser, querida,
Porque tu espargiste
Sobre a modesta flor da minha vida
O orvalho do veneno.

Meus cantos, cujo treno
Qualquer sorriso em lágrimas transforma
São repassados de letal veneno:
Não pode ser, entanto, de outra forma,
Porque, em meio das coisas mais singelas
Que tenho alma, agitam-se, frequentes,
Implacáveis serpentes...
E tu, formosa amante, és uma delas!

58

Gonçalves Crespo

Chorei: sonhava e era contigo, estavas
Morta num cemitério, fria, fria...
E, ao despertar, senti que o pranto, em lavas,
De meus causados olhos escorria.

Chorei: sonhava e era contigo, rosa:
Havias-me, sem dó, abandonado;
E, ao despertar da noite tormentosa,
Tinha o rosto de lágrimas banhado.

Chorei: sonhava, e era contigo, ô linda!
Dizias-me a sorrir, "como eu te adoro!"
Desperto, e logo numa angústia infinta,
Eis-me a chorar de novo e ainda choro.

59

Xavier da Silveira

Ganhando o alto da montanha, logo
Se me difunde um trono um vago ambiente
Saudoso e enternecedor; intimamente
"Se fosse uma ave" penso e me interrogo

Alt! voara junto a ti, criança amada,
Se acaso eu fosse uma andorinha, e certo
Entreteceria o ninho meu bem perto
Da ogiva em que te luz a madrugada.

Se fosse um rouxinol, presto voara
Do teu solar aos bosques circunstantes,
E da sombra das tilias frondejantes,
Minhas canções à noite te enviara.

O espírito de Carlos de Laet — Joaquim Ribeiro

Entre os grandes humanistas
dos últimos tempos, entre nós,
Carlos de Laet, foi, sem dúvida,
um dos espíritos mais parado-
xais.

Vernaculista, amigo dos clas-
sicos, erudito e profundo, não
era, todavia, uma inteligência
empoeirada pelos alfarabos e
preferia a pena agili da impres-
sa dos tratados e in-fólios.

Religioso até a medula, cató-
lico convicto e militante, não
possuía a serenidade dos mis-
ticos e em vez de homilias ama-
va as discussões, os debates e as
polemias.

Monarquista, adepto fervoro-
so do prestígio do "poder mo-
derno" e da disciplina autori-
tária, usava, no mais alto grau
da liberdade de pensamento, de
que sempre foi cioso.

Creio que eram estas as no-
tas paradoxais de seu espírito
privilegiado e excepcional. Dou-
tava a vernaculidade de sua lin-
guagem com algumas tonalida-
des do linguajar moveição, con-
tingente e algo popularreco.

Concluiava a austeridade de seus
princípios religiosos com o sal,
por vezes, picareco de suas po-
lêmicas virulentas. E contraba-
lancava o seu autoritarismo
doutrinário com a prática libe-
radora da crítica e da oposição.

E esse perfil, sob todos os as-
pectos, interessantíssimo, que
Antonio J. Chediak, um dos mais
primorosos estilistas da nova
geração e um dos mais compe-
tentes filólogos moços do Brasil,
acaba de trazar, parcialmente,
na primeira parte de seu estudo
"Carlos de Laet, o polemista".

Não é propriamente uma bio-
grafia de Laet, mas é, sem dú-
vida, uma reconstituição da era
intelectual em que o grande e
inesquecível mestre viveu.

tida, embora conservando uma
"inocência", que hoje já não se
encontra mais.

Naquele tempo as discussões
não eram sedentas como as de
hoje. Havia, sem dúvida, algu-
ma ingenuidade nos temas, mas
os debates ofereciam algo de
"finesse" que, atualmente, des-
apareceu das penas dos nossos
habituais discutidores, homens
graves, sérios e sem o esplên-
dor da graça e do "humour".

Lendo-se o livro do professor
Chediak a respeito do grande
polemista de outrora, chegamos
à conclusão de que a presente
geração católica é, na sua es-
sência, uma geração triste. Tal-
vez haja razões para isso, mas a
verdade é que a perda dessa
diabólica alegria que residia na
verve do velho "leader" cató-
lico é uma falta irreparável.

Carlos de Laet fez na impres-
sa brasileira o que os primeiros
crístãos de talento fizeram nos
antigos concílios: um cenáculo
para discutir, argumentar, com-
bater e contestar.

Havia nele como que um ves-
tigio pre-medieval de teólogo
disfarçado em jornalista.

Como acontece com todo dis-
cutidor, Laet, por vezes, era im-
piedoso, atitude inevitavelmente
herética, mas perdoável, pois,
era transitória e fugaz.

O sarcasmo que diversas ve-
zes transparecia na sua veia sa-
tirica tinha naturalmente razões
nas contingências da vida. Reli-
gioso fervoroso, viu ruir o pre-
stígio do clero em face do poder
temporal. Monarquista entu-
siasta, assistiu ao desmoronar
do regime. Do Colégio Pedro II,
que era um dos seus refúgios,
afastaram-no da direção e na
Academia, que era um dos ou-
tros, foi vítima de uma conspi-
ração que visava depô-lo da
Presidência. Nas próprias hos-
tes católicas, apesar de "leader",

nem sempre foi obedecido e se-
guido.

Tudo isso despertou nele um
perpétuo "irredentismo", chave
perfeitamente explicável de sua
ironia ferina e de sua verve sa-
rcastica.

Creio ser esta a origem do que
Chediak chamou "espírito na-
valhento" de Laet.

Ao lado de tudo isso, havia,
porém, no bom cristão do "Mi-
crocosmo" a humana virtude do
igualitarismo suave do meigo
Jesus.

Fui aluno de Carlos de Laet
no tradicional Colégio de Pedro
II e posso trazer o meu depoi-
mento. Laet já então era velhi-
nho. Velho e simples. Tratava
a todos, ali, no casarão da rua
Larga, com meiguice e bondade.

E nas aulas de português, che-
gava-nos com anedotas gosto-
sas, que somente ele sabia con-
tar. De todos os meus profes-
sores de português dali do Pedro
II, José Otília, Julio Nogueira
e Carlos de Laet, este último
foi, sem dúvida, o que mais con-
quistara a popularidade da tur-
ma. Otília era temível, mas,
inegavelmente, foi o meu me-
lhor professor na matéria. O
Julio era bom, mas o Laet era
adorado por todos.

Laet e meu pai, mestre João
Ribeiro degradaram-se pela im-
pressão, mas se estimavam mu-
tuamente.

Mais de uma vez ouvi do Laet,
em aula, o elogio de meu pro-
genitor. E isso me alegrava mu-
lto, pois, de início, diziam-me
que o Laet, por ser inimigo de
meu pai, iria me reprovar...

Desse velho professor guar-
do boa e inesquecível lembrança.
Conheci-o de perto e pude apre-
ciar o seu lado sereno e bom,
bem diverso das virulências das
polemias.

O livro de Chediak, fixando
este último aspecto, nos dá o
"retrato intelectual" do grande

EFEMERIDES DA ACADEMIA

16 DE JUNHO

1846 — Nascimento de Ramis Galvão.

18 DE JUNHO

1937 — Falecimento de Laudelino Freire.

19 DE JUNHO

1924 — Em sessão pública, Graça Aranha pronuncia a
famosa conferência sobre "O Espírito Moderno".

21 DE JUNHO

1839 — Nascimento de Machado de Assis.

1863 — Nascimento de Graça Aranha.

1929 — Inauguração do monumento a Machado de Assis,
de frente da Academia.

23 DE JUNHO

1921 — Falecimento de Paulo Barreto.

24 DE JUNHO

1820 — Nascimento de Joaquim Manuel de Macedo.

1855 — Falecimento de Junqueira Freire.

1860 — Nascimento de João Ribeiro.

26 DE JUNHO

1825 — Nascimento de Francisco Otaviano.

1913 — Sessão solene para a posse de Osvaldo Cruz, que
foi recebido pelo sr. Afrânio Peixoto.

1933 — Falecimento de Rocha Pombo.

1934 — Sessão solene para a posse do sr. Pereira da Silva,
que foi saudado pelo sr. Ademar Tavares.

27 DE JUNHO

1848 — Nascimento de Araripe Junior.

1889 — Falecimento de Tobias Barreto.

1907 — Eleição de Arthur Orlando.

28 DE JUNHO

1922 — Sessão pública em homenagem a Alberto de Oliveira.

polemista. E com ele, o quadro
mais movimentado, que até hoje
se escreveu, sobre a geração jo-
rnalística de 1878-1895, época em
que Laet discutiu com Castro
Lopes, Camilo, Valentim Maga-
lhães, Arthur Azevedo, Lameira
de Andrade, Ruy Barbosa, João
Ribeiro, etc.

Esse estudo apreciável e digno
de aplauso são apenas primícias
de novas contribuições.

Chediak é um "laetiano" de
polpa. Pesquisou com benedi-
ta paciência os escritos jo-
rnalísticos de Laet, estudou a sua
linguagem no belíssimo e segu-
ro ensaio "Mobilidade do livro
de Laet" e agora nos dá a 1.^a

série das polemias do primoro-
so vernaculista.

Curioso é notar que o estudo
de Antonio J. Chediak se asso-
meia ao do notável escritor
jornalístico de 1878-1895, época em
que Laet discutiu com Castro
Lopes, Camilo, Valentim Maga-
lhães e basica.

Explicando a sua produção
pelo saudoso escritor patriota,
escreve Chediak que "he aqui
assaz viver entre cadáveres".
Nesse ponto, o jovem comenta-
dor está enganado. Laet não é
um cadáver. Está vivo. É a pri-
ma maior de sua vitalidade é ter
recebido de um talento moço e
ardente, como Chediak, a mais
homenagem que um espírito su-
perior pode desejar.

Esta, já o disse Machado, é a
glória que fica. É a verdadeira
imortalidade.



DE H. HEINE

E se um canário — desses que interdizem
Os mais garrulos plectros e os mais vários,
Estão vencendo, suplantando aqueles,
Direito ia-teia ao coração, pois dizem
Que tu, criança, adoras os canários
E te alegrias, ouvindo o canto deles.

60

Rodrigo Octavio

Lento, cortava a minha carruagem
O campo em flor e a murcha floresta
Que ao concerto dos passaros, selvagem,
Tinha uns ares de festa.

Da minha amada em mística procura,
Sondando, extravagava o meu desejo,
Quando na estrada em tetrica mesura,
Três fantasmas eu vejo...

Nem dusa infernal tomam-me a frente,
Modar de mim satânicos parecem...
Mas, aiuto, num giro, doadamente
Vão e desaparecem.

61

Gonzalez Crespo

Sonhei de novo suspirava o vento
Fus ciliai sob a cúpula colorante;
E como outrora ouvia o juramento
Do teu amor constante.

Que protestos de amor ouses momento!
Meu na febre dos beijos que me deste,
Como para gravar teu juramento
Em meus dedos nordeste!

Dem do riso alegre, ó meu tormento!
Dura de olhos azues, ó minha amada!
Ja me lestava o doce juramento,
Foi de mais a dentada!

62

Alcides Flávio

Todas as noites vejo-te em meu sonho;
Abre-te os lábios um sorriso terno,
E logo, — soluçando, —
A meus pés aborados me prosterno.

Finas meu rosto, mais com que ar tristonho!
Morre a cabecinha em gesto brando,
De compaixão... Por tuas faces descem
Unibridas pérolas de pranto.

Sinto que baixo a tua voz me fala,
Ao ar entregares ramo que entretecem
Cárdidas rosas...

Se desperto, cupuanto
Que eu nada sei das rosas que me deste,
Tal não sucede à frase que disseste...
Luta procura olvidá-la!

63

Pedro Rabello

Ruge o vento outonal, brame a chuva, e mais vento,
Mais à atra noite aumenta o horror...
Onde, em meio a esta chuva e a esta ásprea tormenta,
Onde estará meu pobre amor?
Vejo a posta ao balcão da alta alcova... Sozinha,
Sozinha, tímida, a chorar,
E na treva profunda e na noite daninha
Mergulha o lacrimoso olhar...

64

Fogundes Varela

Sinistro como um túnel segredo
Bassa o vento do Norte murmurando
Nos densos pinheirais;
A noite é fria e triste; solitário
Atravesso a cavalo a selva escura
Entre sombras fatais.

A medida que avango, os pensamentos
Inebullam-me no cérebro, ferventes,
Como as ondas do mar,
E me arrastam consigo, alucinado,
À casa da formosa criatura
Do meu doido cismar.

Latem os cães; as portas se franqueiam
Rangendo sobre os quícios: os criados
Acodem pressurosos;
Subo ligeiro a longa escadaria
Fazendo retinir nimbos esporas
Sobre os degraus lustrosos

No seu vasto salão iluminado,
Serenamente repousando o seio
Entre sedas e flores,
Toda de branco, engrinalhada a fronte,
Ela me espera a linfa soberana
De meus santos amores.

Corro a seus braços trêmulo, incendido
De febre e de paixão... A noite é negra,
Ruge o vento no mato;
Os pinheiros se inclinam murmurando:
— Onde vai este pobre cavaleiro
Com seu sonho insensato?

65

Mooalhões de Azeredo

Lá, da sua morada cintilante,
Vem caindo uma estrela: é a estrela do amor.
Das mactérias também caindo a todo o instante
Flores e folhas de nevada cor,
Que os ventos escarminhos
Arrastam, a brincar, pelos caminhos,

Canta no lago o cisne; e ora as margens procura,
Ora se vai das margens afastando;
Canta: e cada vez mais a terna voz baixando,
Mergulha em sua aquosa sepultura.

Ao derredor, sombrio e calmo é tudo;
Folhas e flores vejo, arrastadas alem,
Sumiram-se também
Vejo a estrela cadente
Smoir-se tristemente;
E o cântico do cisne agora é mudo...

66

Lucindo Filho

Em sonho fui transportado
A um gigantesco castelo
Com magia iluminado;
Era todo grande e belo.

Uma multidão variada
Pelos vastos aposentos
Se espalhava: angustiada
Entre gritos e lamentos.

Procurava esquivada
Num redemoinho intenso
Onde a porta da saída
Naquela dedalo imenso.

Entre aquela turba-multa
De damas e cavalheiros
Um grande número avulta;
E eu vi-me entre os derradeiros.

Subitamente no entanto,
Fiquei só, sem que eu sentira
Essa gente por que eu encantara
Tão de pronto se sumira.

E pús-me a andar como um doido
Através de tantas salas
Que se seguiam de modo
Que eu não podia contá-las.

Pesavam-me os pés, de feito
Ser de chumbo em os julgava;
Mortal angustia no peito
Meu coração apertava.

Cansado, tendo a esperança
Quase de todo perdida,
Depois de muita provaça
Dei com a porta da saída.

Ja transpô-la: que vejo?
Quem m'intercepta a passagem?
Quem se opõe ao meu desejo?
É de minha amada a imagem.

Ela, sim, que à porta eu via
Onde se tinha postado,
A dor nos lábios se lia
E no rosto agrio cuidado.

Quis recuar, porém ela
Fez-me com a mão um aceno,
Eu não sabia se a bela
Com seu aspecto sereno

Dava-me um prudente aviso,
Ou se me exprohava acaso;
Mas nos seus olhos divino
Fogo suave em que me abraço.

E o coração agitou-se,
Ao fitar-me ela insistente,
Com ar severo, mas doce,
Tão cheio de amor ardente:

O meu sonho evaporou-se,
E eu acordei de repente.

67

Francisca Julia da Silva

A noite é mufa e triste. O espaço é triste e mudo.
E camulando eu vou pela floresta espessa,
Rompendo a cerração.
As ramagens abalo, as árvores sacudo;
E elas movem de leve a rorida cabeça,
Num ar de compaixão.

68

Francisca Julia da Silva

Floresta agora, alem, no encontro das estradas,
Suicidas, sem descanso.
Agitam-se no horror das covas profanadas.
Perto uma flor azul desabrocha de manso:
Dão-lhe o nome de flor das almas condenadas.

Certa vez, eu lá fui. A noite estava fria;
O espaço mudo estava.
A beira de uma cova a flor azul tremia;
E entre nuvens de crepe a lua, que passava,
Derramava-lhe em torno a sua luz sombria.

69

Rodrigo Octavio

Num turbilhão de espessas trevas:
Guio agora os meus passos vacilantes,
Desde que para mim tu não elevas
Teu doce olhar, como elevavas dantes.

No céu do meu amor já não esplende
A estrela dalva, luminosa e terna...
Sob os meus pés como que o chão se fende;
Recebe-me em teu seio, ó sombra eternal!

ÉPILOGO

Quero enterrar estas canções maguadas,
Tristes sonhos de nimbos illusos;
Venha um esquife, pois, de não sonhadas,
Enormes dimensões.

Pretendo encluí-lo de tal modo estranho,
Que ao próprio peso de pesado vergue,
Conquanto o queira grande e do tamanho
Do tonel de Heidelbergue.

Preciso em suma um féretro impossível,
De dimensão tão vasta e tão extensa,
Que exceda ao comprimento inextedível
Da ponte de Mayença.

Venham doze gigantes, tais e em tudo
Tão grandes, que se apouque de pequeno
São Cristóvão o Hércules membrado
De Colônia do Rheno.

Peguem agora esse caixão estranho
E queiram-no, gigantes, atirar
Ao mar, que para féretro tamanho
Só um tumulto — o mar!

E sabeis porque assim tão desmarcados
Cova e caixão sonhei na minha dor?
— Porque neles sepulto, desgraçado!
O meu imenso amor!

Fenimore Xaxier

A colaboração de Filobiblion

Achado n. 7

Nos primeiros dias de janeiro de 1810 chegou ao Brasil o Barão de Eschwege, oficial do real corpo de engenheiros de Portugal e depois um dos mais notáveis exploradores das riquezas mineralógicas brasileiras, autor do celebre "Pluta Brasilensis." Aqui chegando, o ministro D. Rodrigo de Souza Coutinho deu-lhe logo ocupação, encarregando-o de examinar na comarca da Ilha Grande as minas de ferro, que era já então ali existentes. Em companhia de dois mineiros alemães, Eschwege seguiu para a Ilha Grande a 13 de janeiro do mesmo ano de 1810. Explorou todo o distrito, que percorreu de norte a sul e de leste a oeste; mas de seus exames nada resultou de pratico ou de util para a economia da colônia, simplesmente pela inexistência ali do que procurava.

Em Angra dos Reis, durante suas excursões, Eschwege travou conhecimento com João Manso Pereira, que qualificou de muito muito instruido, que apenas aos proprios estudos devia os conhecimentos que tinha de mineralogia. Para ele, Manso fazia excepção a muitos portugueses que, chegados a um certo ponto da ciencia, não iam mais longe, e, não obstante, tinham de si proprios um grande conceito; esse, ao contrario, apesar de sua idade, continuava a estudar, aspirava progredir e buscava as occasiões para apreender alguma coisa de novo. Era para lamentar — escreveu Eschwege — que o governo não o tivesse empregado convenientemente, por exemplo, como professor de mineralogia; era verdade que lhe foram confiadas algumas comissões, tais como a de examinar o ferro de Sornecaba, o enxofre e o salitre em Minas Gerais, mas, para ser bem sucedido nestes empregos, Manso não tinha bastantes conhecimentos praticos, e havia de faltar necessariamente. (Veja Voyage de Rio de Janeiro au Comarca d'Ilha Grande, fait en 1810, in Nouvelles Annales des Voyages, tome XX (1823), pages 289-328).

Esse João Manso Pereira, que mereceu elogios de Eschwege, tão poupadamente concedidos a portugueses e brasileiros, foi um dos socios da Sociedade Literaria, fundada no Rio de Janeiro em 1789 e dissolvida em 1794 pelo feroz Conde de Rezende, que mandou devassar a respeito de seus membros, sob a accusação de adotarem as idéas da revolução franceza; mas foi logo julgado inocente e escapou da dura prisão que soffreram Silveira Alvaranga, os médicos Jacinto e Vicente Gomes, o futuro Marquês de Maricá e outros. Era então professor de gramatica no Rio de Janeiro, e por essa época escreveu a Memoria sobre o método economico de transportar para Portugal a Aguardente do Brasil com grande proveito dos fabricantes, e commerciantes, apresentada e oferecida a Sua Alteza Real, o Principe do Brasil, Nosso Senhor, por João Manso Pereira, professor emérito de Gramatica no Rio de Janeiro, e atualmente empregado por S. Magestade em exames minerais, etc., na Capitania de São Paulo, etc. (Lisboa). Na Oficina de Simão Tadeu Ferreira, 1798, in-8, de 22 pp. + 6 com a dedicatória.

"Habil químico e metalúrgico, intitula-o uma carta régia de 19 de agosto de 1799, que o mandou a São Paulo, com 800\$000 de ordenado e 800 réis de ajuda de custo. Em 1813 era pensionário de D. João VI.

IMAGEM

ILUSTRAÇÃO DE OSVALDO GOELDI



UMA COUSA BRANCA
EIS O MEU DESEJO

UMA COUSA BRANCA
DE CARNE, DE LUZ

TALVEZ UMA PEDRA
TALVEZ UMA TESTA

UMA COUSA BRANCA
DOCE E PROFUNDA

NESTA NOITE FUNDA
FRIA E SEM DEUS.

UMA COUSA BRANCA
EIS O MEU DESEJO

QUE EU QUERO BEIJAR
QUE EU QUERO ABRAÇAR.

UMA COUSA BRANCA
PARA EU ME ENCOSTAR

E AFUNDAR O ROSTO.
TALVEZ UM SEIO

TALVEZ UM VENTRE
TALVEZ UM BRAÇO

PARA EU REPOUSAR.
EIS O MEU DESEJO

UMA COUSA BRANCA
BEM JUNTO DE MIM

PARA EU A SENTIR
PARA EU ME ESQUECER

NESTA NOITE FUNDA
FRIA E SEM DEUS.

DANTE MILANO